CINEARTE

ANNO VI N. 286
RIO DE JANEIRO, 19 DE AGOSTO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

THELMA TODD

WARNER BAXTER

CINEARTE

CLAIRE DODD...

NA Camara dos Deputados da Italia o "onorevole" barão Alessandro Sardi pronunciou a 5 de maio um discurso a proposito da cinematografia, cujo resumo encontramos em "La Vita Cinematografica"

Nêsse trabalho oratorio o representante do povo (?) aborda a questão do fabrico do film, tanto do destinado a fins de simples diversão como dos educativos, fazendo ressaltar a importancia do problema para a industria italiana em completa decadencia hoje, quando outrora gozou de grande prestigio e prosperidade.

Sôbre o Cinema educativo lembra êle que todas as universidades e escolas de certa importancia dos Estados Unidos estão providos de aparelhos de projeção e com films em quantidade apreciavel, já a expensas proprias, já atravez de repartições federais, estaduais e municipais que compreendem as grandes possibilidades da cinematografia como elemento de ensino e de cultura.

Na Russia, na Inglaterra, na Allemanha, na França a cinematografia educativa vem sendo encarada com especial carinho.

"Não se pode deixar de confessar, diz êle em outra parte do seu discurso, que a industria italiana tem a lutar com a prospera concurrencia estrangeira, especialmente a americana. Ninguem pode contestar que por meio do film os Estados Unidos conseguiram uma notavel americanização do universo.

"E' mistér evitar que nos films se deturpem os costumes nacionais.

"A França mantem em Hollywood um representante para vigiar dia e noite a produção americana em tudo quanto diga respeito aos interesses espirituais e materiais da França.

"Precisamos pensar, tambem, nas imensas possibilidades politicas, sociais e culturais do cinematografo, por isso que tudo quanto seja auxilio prestado ao Cinema se reflete sôbre um grande número de trabalhadores de todas as categorias, estimulando novas energias das quais o Estado e a Nação tiram vantagens novas intelectuais, morais e materiais".

Como se vê, já começam paises como a Italia, em que a industria cinematografica, outrora prospera e florescente caiu em colapso e no seu declinio pareceu atingir as bordas do tumulo, a incitar as energias para um renovamento de produção não sómente para o dominio do mercado interno, mas com preocupações de conquista ainda dos estrangeiros.

Em todo o mundo a Cinematografia desperta o interesse não so do publico que se diverte com o film, mas das classes dirigentes, dos responsaveis pela administração publica que compreendem e avaliam as possibilidades formidaveis dessa industria singular que tão proeminente logar já conquistou em varios países e atravez da qual, como confessa o parlamentar italiano, conseguiram os Estados Unidos americanizar de alguma sorte o mundo.

Possibilidades essas não já no campo da pura diversão, mas tambem no didatico, cujo desenvolvimento já faz prever que dentro de alguns anos venha a superar em importancia todos os mais.

Esses os motivos que nos levam a martelar sempre nessa tecla da Cinematografia Brasileira, que carece ser encorajada por todos os patriotas, auxiliada por quantos almejem a prosperidade e o progresso de nossa terra.

ANO VI
NUM. 286
— 19 —
AGOSTO
— 1931 —

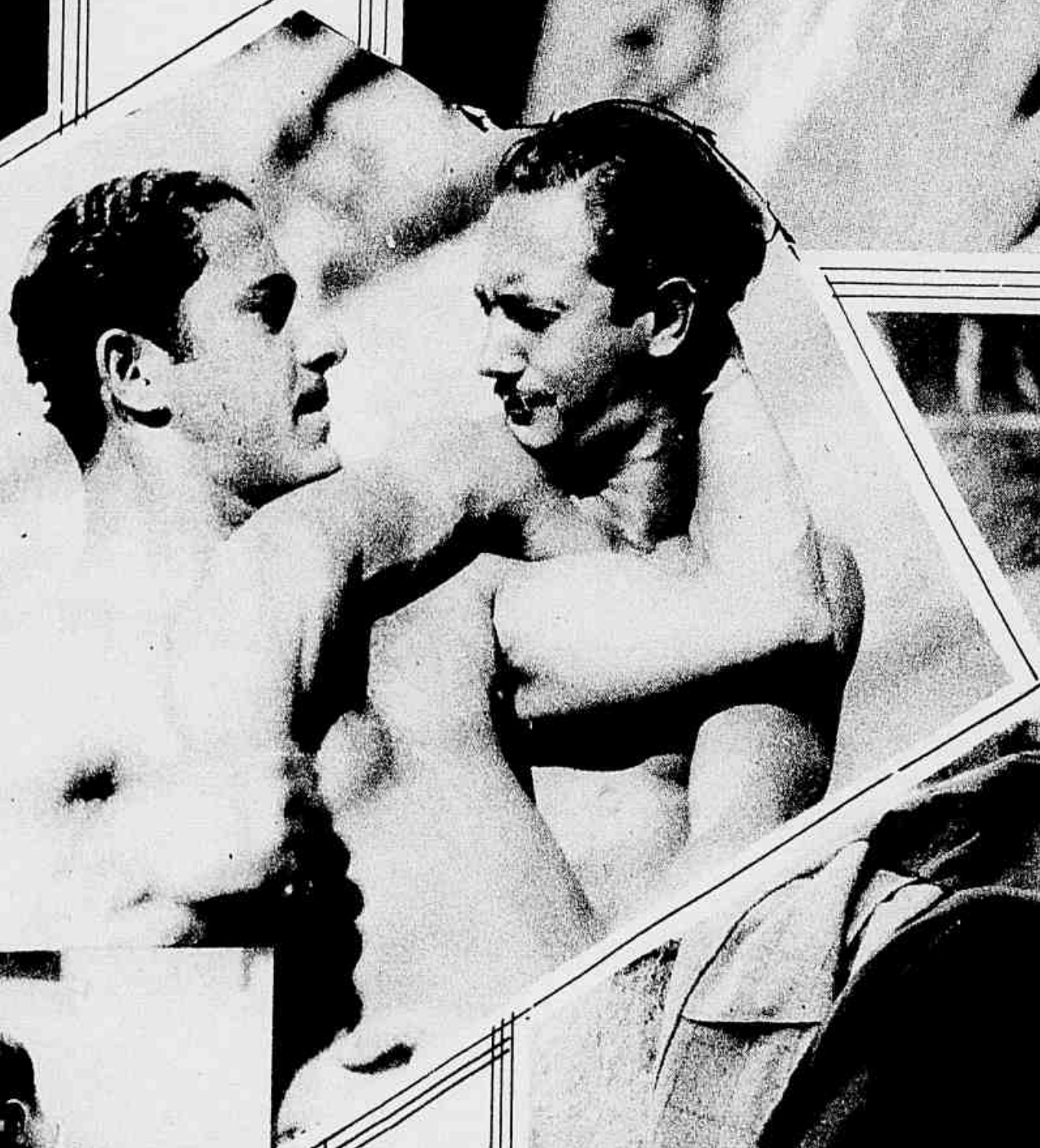
a
Paramount
APRESENTA
MINHA NOITE
DE NUPCIAS
Uma deliciosa comedia
toda falada em
PORTUGUÊS, por
LEOPOLDO
FROES
Beatriz Costa
Estevam Amarante
Paramount
Pictures

Ganga Bruta

está sendo filmada.

Lu Marival

é o encanto do film. A nova sensação do Cinema Brasileiro. E não veiu da Europa... E' daqui de São Paulo mesmo.

Film da Cinédia

Durval Belini e Milton Marinho são os principais

Humberto Mauro é o diretor.

VALENTINO

O "Los Angeles Herald", dos mais importantes da California, publicou, recentemente, uma conferencia espirita que Rudolph Valentino manteve com Ruth Roland, sua ex-colega de arte. Aqui damos o relato do que foi a sessão. Reuniram-se várias pessoas para a experiencia e, como médium, serviu George Wehner, um dos mais "sensiveis"... As perguntas que se queriam fazer ao morto sempre adorado e nunca esquecido, eram muitas. Principalmente saber sobre a sua morte, se fôra natural, como noticiaram, ou criminosa, como surgiram várias versões, entre as quais que êle fôra assassinado por um marido que se convencera da infidelidade da esposa, vitima dos olhos fascinantes do **astro**. Eis aqui o relato do mesmo jornal:

* * *

George Wehner, depois de vários estertores e estremecimentos, entrou em profundo estado de epilepsia nervosa. Seus labios, espumando, entortaram-se. Enrijeceu-se todo. Depois, sacudido de alguns repelões violentos, atirou-se ao encontro de uma parede. Ergueu-se. Sentou-se. Finalmente entrou em estado de calma. Daí para diante, ouvidos atentos, não fizemos mais nada para conseguir ruido. Precisavamos do mais absoluto silencio para ouvir com perfeição o que se ia dizer.

Nos seus olhos, havia uma grande expressão de agonia. Depois, estremecendo ligeiramente, começou a assobiar. E que assobio! Lindissimo, quasi celestial, profundamente impregnado de suavidade. Eu o tinha ouvido assobiar, várias vezes e não podia, naturalmente, crer que fosse seu aquêle assobio. Êle estava possuido do espirito de algum musico, naturalmente... Soubemos, depois, que era o espirito de Frank, um musico conhecido em Detroit, de onde era, o qual fôra eximio flautista. Depois parou o assobio e o **medium** inclinou-se para a frente, na sua cadeira. Falou. Mas a voz não era sua. Era de Frank, o flautista. A mão do **medium** agitou-se e apontou Ruth Roland.

FRANK: — Tambem gosta de musica?

RUTH ROLAND: — De qualquer musica.

FRANK: — Ouço vibrações de cantos. Já cantou, alguma vez na vida?

RUTH ROLAND: — Sim, canto.

FRANK: — Mezzo?

RUTH ROLAND: — Não. Contralto.

FRANK: — Mas você poderia cantar Mezzo. Você tem um grande rancho, não tem? Sinto isto, no espaço...

RUTH ROLAND: — Sim, eu tenho um grande rancho.

Houve um silencio. A voz do **medium** calou e êle apoiou a cabeça no espaldar da cadeira, como se estivesse profundamente abatido. Seus olhos estavam fechados. No rosto havia ainda alguma tremulação. O estenografo tinha parado de tomar os apontamentos dos dialogos, conforme eu lhe tinha indicado. Na expressão do rosto do **medium,** havia qualquer cousa de fóra do comum. Ninguem sabia, ali, o que seria a seguir.

— Então, minha gente!

Era a voz com sotaque de indio. Êle passara por ali, sem esperar e saudara. Depois falou de aguas, montanhas, tudo que se referia á sua gente e á sua tribu. Conversa sem interesse especial. O **medium** falou pelo indio durante cerca de cinco minutos. Depois voltou o silencio a reinar ali. A seguinte voz que veiu agitar o corpo do **medium,** era hesitante e feminina. Pertencia, soube-se, á mãe de Valentino, Gabriela. Ela falou comigo alguns minutos.

GABRIELA: — Espera meu filho?

EU: — Espero.

GABRIELA: — Sou mãe dêle.

EU: — Virá êle esta noite até a nós? Nós nos alegramos mutio com isso, sabe?

GABRIELA: — Sim. amigo. Ésses tambem são amigos?

EU: — Sim.

GABRIELA: — (Para Ruth Roland) — Em vida, na terra, não a conheci. Mas eu a vi muitas vezes falando com meu filho. Rudolph ficará feliz, eu sei. Irei, agora, para que êle venha. Buona notte!

Houve novo silencio. Na nossa mesa, onde haviamos feito a invocação, reinou longo silencio. George Wehner, o **medium,** tornou a se mexer na cadeira, profundamente agitado. Esticou pernas e braços. Seu rosto, a seguir, deu sintomas de grande emoção. Depois, curto repouso descançou aquela figura que se tornava tragica de tão palida e desfigurada. Começaram a vir vozes, novamente. Finalmente uma, forte e bonita. Era o espirito de Rudolph Valentino, finalmente! Êle vinha falar ao mundo, depois de morto ha tanto tempo. Nós nos aproximamos avidamente da mesa e o estenografo preparou-se aflito, para anotar o que ia ouvir.

VALENTINO: — (Para Ruth Roland) — Estou alegre por ver você, sabe? Lembra-se de mim?

RUTH: — Muito bem!

VALENTINO: — Deixe-me ouvir novamente a sua voz.

RUTH: — O que quer você que eu diga, Rudolph?

VALENTINO: — Basta isso. Eu queria ouvir a sua voz, apenas. Sinto-me muito, mas muito alegre por estar aqui e falar com você. E' exquisito, não é?

RUTH: — Muito extranho!

VALENTINO: — Tambem é triste. Muito triste!

RUTH: — Muito triste, sim.

VALENTINO: — (Para mim) — Tem perguntas?

EU: — Sim. Responderá perguntas para nós?

VALENTINO: — Bem. Faça-as.

O **medium,** rapido, agarrou-se a gravata, arrancou-a, abriu o colarinho, rasgando-o e agitou-se medonhamente. Parecia que estava carecendo de ar. Moveu-se na cadeira, agitadamente, com violencia. Havia lagrimas nos olhos de Ruth. Eu começei a ler as perguntas.

PERGUNTAS: — E' necessario que uma pessoa seja psíquica, nesta terra, para que se possa comunicar com um morto e é preciso que esta comunicação seja transmitida através um **medium?**

VALENTINO: — Sim. E' preciso ser psíquica a pessoa que se quiser comunicar com um morto. O que perguntou a respeito de **medium?**

EU: — (Repetindo a parte da pergunta) — Esta comunicação precisa vir através de um **medium?**

VALENTINO: — Não. A pessoa que conseguir a comunicação iá é **medium.** Já é psíquica. Psíquica, significa sensivel. E é preciso muita sensibilidade para que alguem possa sentir essas vibrações.

EU: — (continuando a serie de perguntas). — Se fosse vivo, estaria fazendo films falados?

VALENTINO: — Sim, porque eu tinha uma boa voz. Ao menos era o que diziam. Eu tambem cantava, embora minha voz não fosse educada. Cheguei a gravar vários discos. Uma ocasião, ainda me lembro, cantei alguma cousa sobre mãos palidas... "Pale Hands Beside the Shalimar", lembro-me... Não foi nenhum sucesso, mas, com o film falado, teria sido, talvez. Eu gostaria de ter feito films falados.

EU: — Qual é a ligação existente entre mulher e marido no mundo espiritual? Estão juntos ou isto não tem importancia alguma?

VALENTINO: — Acho que é muito importante a ligação entre marido e mulher no mundo espiritual. Mas tudo depende do que significavam um para o outro. Se existia, entre ambos, um grande amor, certamente êles persistirão ligados, porque o amor na verdade, é cousa que se não separa. E' tudo quanto sobra. Mas se não se amassem, mutuamente, apenas fossem ligados por laços terrenos e inuteis, estarão livres, depois da morte Se marido e mulher se injuriaram e se agrediram, na vida, depois da morte têm que viver agarrados, um ao outro, até que se desfaçam os mal entendidos.

EU: — Depois da morte, sara a pessoa, imediatamente, da molestia ou do acidente que a vitimou?

VALENTINO: — Em certo sentido, sim, porque a doença ou o ferimento é cousa corporal e não atinge a alma. Mas as doenças moraes, estas não passam assim facilmente... A concepção mental do desastre ou da doença, persiste por algum tempo, enquanto durar o tempo que êle se ache no plano astral. Nêste sentido, o espirito poderá ficar preso á terra a sentir a vibração do mal que o vitimou. Já tenho encontrado espiritos, aqui que ainda se debatem com a consequencia do que sofreram para morrer. Isto não dura muito, a menos que tenha sido um acidente que tenha produzido um profundo golpe mental.

EU: — Voltam as pessoas ao mundo, como almas, por exemplo? Ou como espiritos.

VALENTINO: — Tudo depende de saber o que chama o povo de alma ou espirito. Eu acho que sim. Os espiritos presos a terra, voltam como espiritos. Ha gente que póde ver essas aparições periodicas. Quando os espiritos aparecem em casas assombradas, estão desenhando, apenas, a força etoplasmica dos seus corpos astrais. Isto é: desenhando os atomos das suas forças etoplasmicas, para algum outro ser humano.

EU: — Póde você se comunicar com qualquer pessoa que queira ou é preciso, para isso, que mande uma grande força superior?

VALENTINO: — Eu não me posso comunicar com ninguem que queira, porque existem muitos obstaculos. Já procurei vários de meus amigos, estive ao lado dêles, toquei-os, mas não valeu nada. Não eram suficientemente sensiveis para me sentirem ao lado. Outros consegui alcançar e com êles me comunicar imediatamente. Alguns dos que costumo procurar, sempre, acham-se fechados para mim por alguma depressão que torna impossivel, para mim, descer ao nivel onde se encontram os seus espiritos. Eu não sou enviado por nenhuma força superior ou mais forte. Vou, porque quero falar á alguem e porque estimo essas pessoas.

EU: — Está você na sua propria esfera ou mover-se-á a outras esferas?

VALENTINO: — Não me sinto bem, não. Não sei quanto tempo durará a minha permanencia nesta esfera em que me acho, onde estou sempre aprendendo e aprendendo, sempre, cousas espirituais. Sei que progredirei para planos mais elevados. Sei que existem cousas que apenas poderei aprender no plano terrestre, para, depois, elevar-me para plano mais superior. Penso que ainda voltarei ao mundo, antes de me elevar ao plano superior que falo.

EU: — (surpreso, francamente e aumentando a pergunta) — Quer dizer que voltará a viver?

VALENTINO: — Sim. A terra é a escola da alma, mas a escola primaria, apenas, ou antes, o jardim da infancia! Não pode-

mos saír dêle, antes de termos nêle aprendido tudo quanto ha a aprender.

EU: — Na sua opinião, qual é o artista de Cinema mais formidavel?

VALENTINO: — Pergunta dificil de responder, porque os meus colegas são estupendos, em campos diversos. Na comedia, por exemplo, acho que ninguem ainda atingiu Charlie Chaplin. No seu nivel de trabalho, Gloria Swanson é esplendida. A suéca Greta Garbo tambem é admiravel.

EU: — Já esteve você em sua antiga casa, por acaso, assombrando-a?

VALENTINO: — Sim. Já lá estive, muitas vezes, mas não com o fim de a assombrar. Estive, para rever os meus logares favoritos e reviver os meus dias passados, na memoria. E' a mesma cousa que você se sentar numa cadeira e rememorar os dias que se foram. Nós, quando pensamos em qualquer logar, lá nos achamos, imediatamente. Vivendo, novamente, no pensamento, meus dias do passado, la tenho estado, sim, passado pelos quartos e revivendo, com amargura, meus passados dias de felicidade. Algumas vezes eu senti que me presentiam e que ouviam meus passos.

EU: — Teve, antes de morrer, algum aviso de que seria atingindo pela morte?

VALENTINO: — Sim, senti-me num estado de profunda agitação mental. Senti um profundo nervoso a respeito de qualquer cousa. Sentia que nada de material significava qualquer cousa para mim e por isto eu mesmo já me afastava de mim. Foi assim que senti êsse aviso.

EU: — Você, ai, vê Lon Chaney? Quais são antigos colegas seus que ai são seus amigos ou conhecidos?

VALENTINO: — Muitos dêles eu vejo. Barbara La Marr, ali. Já vi Olive Thomas. Vejo-a sempre, aliás. Já me encontrei com Milton Sills. Procurei comunicar-me com a mulher dêle, Doris Kenyon, para lhe dizer isso. Já me encontrei com June Mathis e sua mãe, Jennie. June, então, vejo muitas vezes, quasi sempre.

A voz do **medium** já se tornava mais fraca e eu me apressei, rapido, para lançar a ultimas e mais importante de todas as perguntas. Obteria resposta?

EU: — Como morreu você? Ha justificação nos boatos de que você tenha sido envenenado ou atirado?

Por alguns momentos, não houve resposta. Olhos arregalados, o **medium** fixava-se em mim, escorregando lentamente da cadeira, esticando-se na mesma. Estava para repetir a pergunta, quando veiu a resposta, muito agoniada, um tanto ou quanto relutante.

VALENTINO: — Uma pergunta muito dificil para eu responder, porque ela involve o nome de muitas pessoas. Digo, porque posso e quero, entretanto, que eu não morri de morte natural. Não divulgarei nomes. Não tenho desejo de vingança e, isto, ao contrario do que muita gente teve a meu respeito. Não quero que os meus assassinos sofram. Êste sofrimento irá á êles naturalmente, sem ninguem fôrçar. Ninguem faz mal, no mundo, sem sofrer

FALOU!

as consequencias. (Houve uma pausa). Se eu pudesse, eu os salvaria.

Doutores notaveis asseveraram que a morte de Valentino havia sido natural... A sua resposta era sensacional, entretanto e reveladora. Não tinha mais perguntas a fazer. Depois da resposta inesperada e violenta do **medium**, voltou êle ao estado de prostação calma e, lentamente, voltou á consciencia natural dos fatos. George Wehner, depois, ingeriu um copo com agua e agradeceu-o com um aperto de mão.

Estava terminada a sessão.

— DIGO, PORQUE POSSO E QUERO, QUE NÃO MORRI DE MORTE NATURAL. NÃO DIVULGAREI NOMES.

Foi o que Valentino respondeu a pergunta que lhe fez R. T. Scott, mesario da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas. E foi isto que êle declarou diante de inumeras testemunhas á sessão, por intermedio do **medium** George Wehner. A sua tragica morte, deu-se a 23 de Agosto de 1926.

Recordamos, para maior estudo dos **fans**, os seguintes detalhes que se referem á sua morte.

Rudolph Valentino foi operado no Hospital Policlinico de New York, de ulcera gastrica e apendicite aguda. Dia 16 de Agosto, davam-nos, os bolhetins, com peritonite. Três dias depois, a crise passava. Dia 21 de Agosto, voltou-se a sua molestia, para peor, desenvolvendo-se a pleurise que o atacou. No dia imediato, a sua temperatura atingia 41 gráus. No dia seguinte, 23 de Agosto, faleceu êle, dando o Dr. Harold Meeker, assistente, o seguinte laudo medico a respeito do seu falecimento:

— MR. RUDOLPH VALENTINO FOI ATACADO DE SEPTIS, O QUE SIGNIFICA QUE ÊLE MORREU ENVENENADO. O SEU MAL FOI SEPTIS ENDOCARDITIS, OU ENVENENAMENTO DOS NERVOS CARDIACOS DO CORAÇÃO. SEU ESTOMAGO ESTAVA CHEIO DE BURACOS E OS ALIMENTOS PASSAVAM POR ÊLES PARA A CAVIDADE ABDOMINAL, RESULTANDO, DISTO, O ENVENENAMENTO.

* * *

E aqui tudo está do quanto se ouviu nessa sessão espirita, á qual Ruth Roland compareceu, para auxiliar e testemunhar.

* * *

SOUS LES TOITS DE PARIS — (Sob os Tétos de Paris) — Tobis — Critica francesa ao film. O film confirma a opinião corrente de que, depois da partida de Jacques Feyder, para a America, René Clair ficou sendo, em França, um dos raros directores de espirito e sentimento, comparavel, perfeitamente, a Harry D'Arrast, Malcolm St. Clair, Paul Fejos e Howard Hawks, olvidando alguns outros, tambem de meritos incontestaveis. De um brilho exquisito, animado de um profundo espirito parisiense, êste novo trabalho de René Clair é uma pintura delicadamente **nuancée** de tudo quanto de admiravel tem a metropole francesa. O argumento é simples. O tratamento é que é esplendido e agradavel. Albert Préjean, o artista principal, é uma personagem que ao Cinema já fazia falta. Esplendido. Edmund Gréville e Pola Illery têm, tambem, dois bons papeis e, igualmente, Gaston Nodot. Os dialogos são muito breves e a tecnica da realisação é a mais moderna imaginavel.

* * *

Honeymoon Lane, que a Sonoart vai produzir, para a Paramount distribuir, será dirigido por William J. Craft e terá Eddie Dowling no primeiro papel. June Collyer será sua heroina.

Disorderly Conduct, da Fox, será dirigido pelo Raoul Walsh e terá Victor Mac Laglen, Edmund Lowe e Greta Nissen como principais figuras. Novas aventuras de Flagg e Quint, os dois eternos lutadores pelas mulheres...

* * *

Em "L'Ame des violons", Mlle Agnus, da Opéra Comique de Paris, é a principal interprete. O film está sendo feito em Neuilly.

* * *

A crise do Cinema na Irlanda está atualmente numa fase critica; os direitos alfandegarios sobre os films importados fôram aumentados exageradamente. De outro lado, a censura condena cerca de 80% da produção apresentada.

* * *

Mireille Perrey, Ouvrard, Pierre Bertin e Vana Yami estão no "cast" de "Je serai seule aprés minut", de Jacques de Baroncelli.

* * *

Henri Fescourt ainda se encontra na Suécia, dirigindo cenas da sua produção "Serments", com Madeleine Renaud, André Burgéres e Marcelle Géniat.

* * *

Foi apresentada na Tcheco-Slovaquia a produção nacional da Ocean Film, cujo titulo (traduzido) é "Cabeças de cães". Foi diretor desta produção — M. S. Inneman.

* * *

Roland Toutain foi contratado por cinco anos para as Produções Osso.

* * *

Mais um novo cinema acaba de ser inaugurado em Londres, com uma capacidade para 4.000 pessoas e possuindo uma garage subterranea onde cabem 250 automóveis.

* * *

Maurice de Canonge, tendo como assistente Robert de Bibal, está dirigindo "Monsieur Cambriole" Tomam parte nêste film: Renée Velier, Renée Ferté, Pally e Pepée. O "cenario" é de Georges Dolley.

* * *

André Berthomieu está pretendendo embarcar para Stockolmo para filmar "Les vignes du Seigneur".

* * *

Para a versão falada de "Verdun, Visions d'Histoire", Léon Poirier contratou os antigos interpretes da versão muda, Suzanne Bianchetti, Jean Dehelly, André Nox, Pierre Nay, etc. e alguns artistas novos, entre os quais — Pierre — Richard Willm.

* * *

Nos studios da Tobis, proseguem as filmagens de "La ville que chante".

* * *

O governo da Suécia, baixou um decreto cobrando uma taxa infima para os films produzidos no pais e de autores e artistas suécos.

* * *

A RKO-Pathé tem intenção de **coestrelar** Eddie Quillan e Robert Armstrong em uma serie de Films.

LEW

— Que diabo! Você assobiou como uma locomotiva, fez um escarcéu dos seiscentos e o que pensa que está representando?... Aqui você chegou ás escondidas e não quer acordar a vizinhança e, sim, raptar a pequena sem conhecimento dos outros! Vamos, faça de novo para eu ver!

Eram ordens da diretora Anna Ayres, avó de Lew Ayres, ao garoto, que então tinha seis anos e vivia uma cena para um film de amadores que estava a familia tirando, intitulado: "Tillie's Elopement".

Não muitos anos depois, a mesma Vóvó sentava-se num dos Cinemas de Minneapolis e assistia, comovida, ao que fazia o seu "garoto" Lew, na pele de Paul Baümer, o heróe de "Sem Novidades no Front"...

Lew tem vinte e dois anos de idade. Nasceu a 28 de Dezembro de 1908 e é filho de Mr. e Mrs. Louis Ayres, que viviam, naquela época, no numero 2721 da "Forty Fourth Street", em Minneapolis. Quando êle chegou aos quatro anos, os pais divorciaram-se e êle passou a viver em companhia de sua avó.

— Eu ia ao Cinema durante o periodo em que êle estava na escola e, á noite, contava-lhe o que tinha assistido. Êle me dizia, invariavelmente: "Vamos ensaiar isso que você viu?" E ficavamos engolfados por êsse passa-tempo, longas horas, sem que eu dêsse acôrdo da infantilidade do mesmo.

Isto me disse a velhinha, quando falei com ela, ha tempos. Uma das cousas que êle gostava de imitar eram as proezas de Tarzan que êle ia ver nas "matinées" dos dias em que não tinha aula. Tambem apreciava muito a Lon Chaney e considerava-o um dos melhores artistas do Cinema.

— Êle não era nenhum prodigio. Mas aprendia com muita facilidade.

Disse-nos sua avó. Além do Cinema, Lew dedicava-se á musica e uma das primeiras melodias que tocou foi "The March of the Wooden Soldiers".

Depois de estudar musica, pôs-se êle com alguns amigos a tocar em orquestras e, finalmente, enfiou-se êle de vez pela arte, passando a profissionalizar-se como musico.

Um dia, em 1928, a Avózinha recebia uma carta de Lew. Havia assinado um contrato para figurar em films e transmitia, doido de alegria, a noticia á sua velha protetôra e avó. Informava êle á avó e ao pai, igualmente um grande amigo seu, que "The Sophomore", ao lado de Eddie Quillan, para a Pathé, seria a sua primeira aparição na téla.

LEW E GENEVIEVE TOBIM EM "UP FOR MURDER"

Depois disso veiu a sua oportunidade ao lado de Greta Garbo, em "O Beijo". Sua Avó ficou radiante de alegria quando soube disso, tanto mais que ela conhecia e admirava Greta Garbo atravez todos os seus films e compreendia, facilmente, o quanto isto iria valer ao seu neto.

Passados mais tempos, um dia recebcram êles outra carta de Lew. Num dos trechos dizia: "Acho que já sabem que me escolheram para o papel de Paul Baümer em "Sem Novidade no Front", papel êsse que é o primeiro do film que, por sua vez, será um "super". Somos oito amigos, ao todo e to-

LEW, MENINO.

dos morremos, inclusive eu que sou o ultimo. Partimos a semana passada para uma locação e o trabalho tem sido arduo". Depois disso vieram novas cartas e elas contayam. aos seus maiores amigos. no mundo, o desenrolar daquela "guerra" que se travava voluntariamente na California. dentro de um Studio e em locações estrategicas...

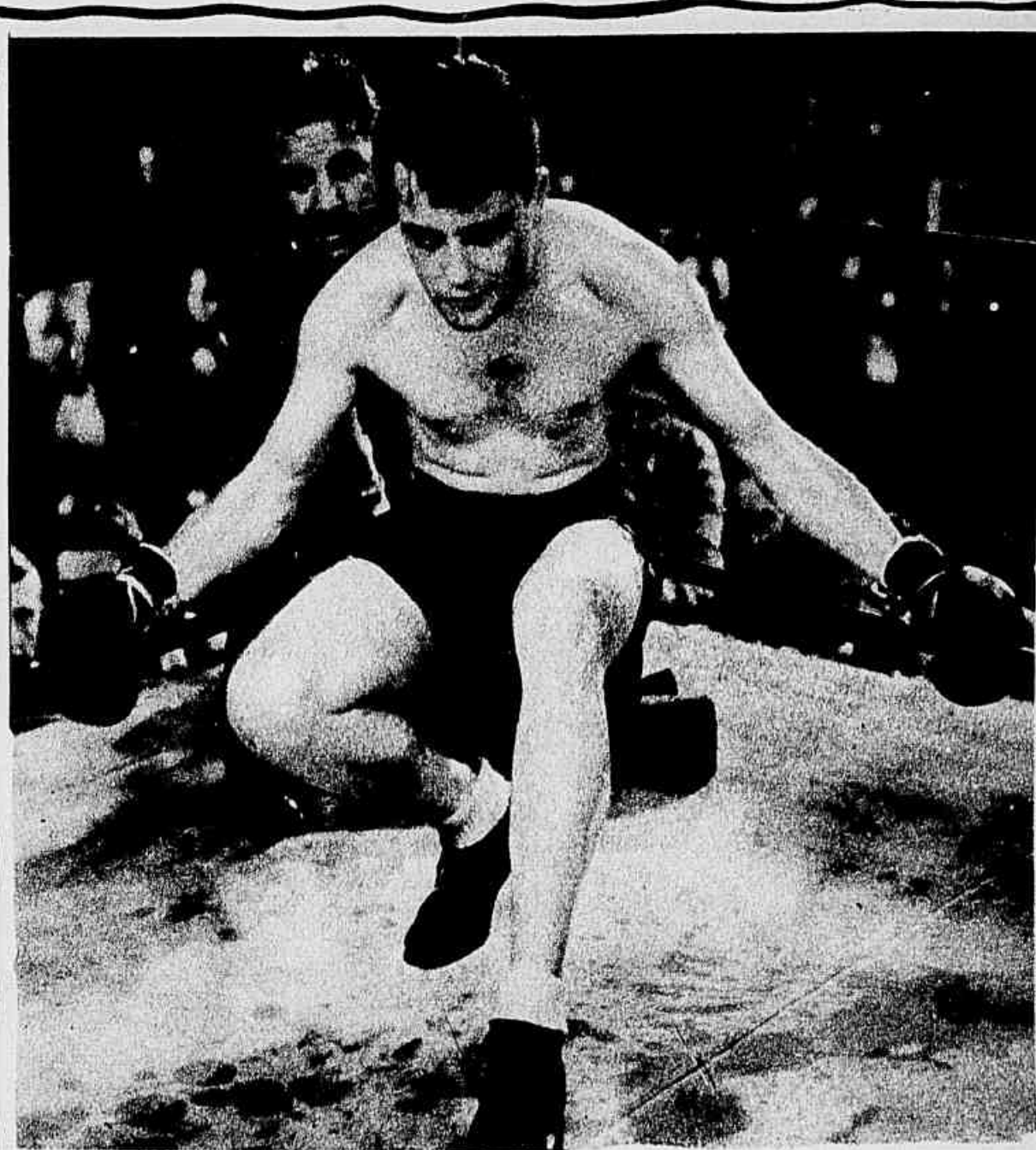
Afinal foi o film exibido e o sucesso fenomenal do mesmo foi alguma cousa que Minneapolis não poude deixar de receber com particular emoção, principalmente os dois que Lew tanto quer.

Ha. na secretaria do pai de Lew. um livro de capa preta que muito significa para èle. A primeira pagina tem a seguinte frase gravada: "O livro de Lew Ayres". E' o "scrapp book" que êle faz do que os jornais dizem de Lew. Sôbre a secretaria, ainda, ha uma das mais recentes fotografias do filho querido, sorridente e simples como os films o mostram e como êle tem vencido as platéas de todo mundo. Alguns "stills" de "Sem Novidade no Front" tambem ilustram as paredes, em quadros cuidados e muitos livros que o filho constantemente manda ao pai. A Avózinha

dêle tambem não é esquecida. São inumeras as fotografias dêle que ela guarda e tem consigo e a todas dá logares especiais junto ao seu carinho ainda agravado pela ausencia já prolongada do rapaz.

Antes de fazer "Firing Youth", versão de "Man Woman and Sin", que Monta Bell ia dirigir para a Universal e no qual êle iria ter o papel que John Gilbert teve na primeira versão que aqui se chamou "Arrependimento", Lew tornou a escrever aos seus. Disse-lhes: "Vou, agora, estrelar "Homem, Mulher e Pecado". Eu serei o "pecado", minha avó e acho que a senhora vai se orgulhar dêle..."

— Lew continúa criança!

— Disse-me a velhinha a rir, depois da leitura da ultima carta para nós ouvirmos.

— Mas creia que é uma das almas mais decentes e bonitas que já tenho cultivado em toda minha vida!

Depois, falando sôbre a questão da natalidade dêle, isto é, o caso de San Diego afirmar que Lew é filho de lá, disse-me a velhinha, séria e convicta do que dizia.

— Historias! Êle nasceu foi aqui mesmo, em Minneapolis! San Diego que reclame e se c santo, porque não faz um milagre?... Era o que queriamos saber. A retirada foi estrategica, com certeza e a noite toda, no hotel, passamos conversando com alguns amigos de Minneapolis que, em conjunto, afirmavam que Lew Ayres era o homem mais popular da Cidade e, mesmo, o orgulho dela no conceito de alguns. Cinema...

ÊLE E CARL LAEMMLE JR. DA UNIVERSAL.

MAIS MOÇO...

Lupita
Tovar...

Greta Garbo Mulher sem amor...

Por que é que Greta Garbo jamais amou?

Por que será que ela, das mulheres a mais criada para o amor, tem sido, até hoje, tão injustamente afastada de uma felicidade que enche todos os corações: da empregadinha de loja ás princesas?....

Será a fama, brilho sem piedade, que tem afastado assim da sua vida as probabilidades do amor? Ou será a desilusão basica da sua existencia, aquela que lemos, viva, dentro dos seus proprios olhos, a autôra dessa falta de sorte?... Ambas talvez...

E' facil: podem contar pelos dêdos de uma das mãos, apenas, os homens que se envolveram na sua vida. Mauritz Stiller o diretor suéco que a descobriu e a trouxe para cá. John Gilbert, idolo de multidões, que a quis e a perdeu. Nils Asther. O jovem principe Sigmund, da Suécia. Sorenson, aquêle que Hollywood suspeitou como principe mas que era, afinal, o filho de um industrial sueco, fabricante de caixas de papelão...

Dêstes todos, entretanto, apenas dois, os dois primeiros, tocaram seu coração. Dêsses dois, um morreu, porque Greta Garbo não o amava e o outro, depois que a deixou, jamais concertou a vida. Talvez pelo mesmo motivo...

Nils Asther, Sigmund, Sorenson, na verdade não contam. Depois da sua seperação definitiva de John Gilbert, Greta Garbo foi muito vista na companhia de Nils Asther. Eram patricios e, amantes da solidão, ambos, mais ou menos do mesmo genio, trocavam idéas e Nils Asther, afinal, seria, para ela, um limão, usando a expressão comum que define tais situações... Havia, entre êles, um mutuo grande entendimento, naturalmente espiritos identicos e nacionalidades irmãs. Procuravam encontrar-se, por isso e conversavam os proprios pesares. Jamais houve, entre êles, algo que fosse além de uma simples grande amisade. Os jornais, entretanto, estragaram tudo: tomaram Nils Asther por substituto de John Gilbert e com isto, antes que fossem além os comentarios, conseguiram êles que Greta Garbo, por todos os meios, procurasse evitar a companhia do rapaz. Pouco depois, além disso, êle casava-se com a mulher dos seus sonhos: Vivian Duncan, com a qual hoje vive muito feliz e já tem um filhinho que ambos idolatram.

O jovem e aristocratico Sigmund, outra vitima da imprensa, foi visto, na Suécia, quando da visita dela ao pais do seu berço, muito em companhia dela. Ela é raramente vista em companhia de quem quer que seja e, por isso mesmo, tal fato assumiu o carater de sensacional! Além disso o homem era principe e êsse material era soberbo para uma historia de grandes titulos e frases de tiro. Disseram, depois, por todos os cantos, que as autoridades suécas interviram e puzeram termo áquêle idilio que ia, com certeza, prejudicar as boas normas da aristocracia nacional. Interrogada, aqui, quando voltou, apenas um comentario ela fez.

— Cansei-me de andar em companhia de uma criança.

E havia nos seus labios o mais profundo desdem.

Sorenson amou Greta Garbo. Mas Greta Garbo não o amou. Para haver romance, logicamente, os dois se devem amar. Filho de um milionario suéco, Sorenson veiu para Hollywood atraido pelo que Greta Garbo lhe contara da colonia de Cinema, em Hollywood. Sem duvida a propria Greta Garbo representava 90% nessa vinda... Durante o tempo que êle aqui estêve e foram vistos na mesma companhia, parecia que êle a amava loucamente e ela correspondia. Expirado o prazo do passaporte, retirou-se para o país natal e todos verificaram que o caso de **principe** fôra um **balão** de publicidade e que o romance de ambos, na verdade, nada mais fôra do que uma bem feita **exploitation**, mesmo... Mais uma vez, no final das contas, Greta Garbo sem amor...

E Stiller?... E Gilbert?...

Pensaram com razão, que um dêles deve por força ter penetrado o amago do coração dessa criatura sublime.

Eu não penso assim. Apesar dela ter desmaiado quando soube da morte de Stiller. Apesar de haver, uma vez, quasi fugido de vez para a companhia de John Gilbert...

Dava-se, em relação a Mauritz Stiller, o caso da velha historia de Svengali, o hipnotizador e Trilby, a hipnotizada. Todos sabem, de cór, que Mauritz fôrçou Greta Garbo no seu contrato, a qual a M. G. M. não queria nem para **extra...** E todos sabem, igualmente, o quão vertiginosamente ela galgou a fama e quão bruscamente êle caiu fragarosamente no conceito geral...

O fracasso profissional de Stiller não foi maior, para êle, do que o ciume que o devorava presenciando, como presenciou, a maior parte do ardente romance que assoberbou as vidas dela e John Gilbert. Gilbert tinha, para ela, na sua mocidade e no ardor elegante das suas atitudes, o que êle, embora muito inteligente, não tinha com a sua cara bem feia e seu fisico vulgar. Rasgava-se o seu coração ao encontro dos beijos violentos que êles trocavam... Era o mestre que se arrastava ao sólo, miseravelmente fustigado pela paixão que nutria, vã, pela discipula...

Greta Garbo respeitava, admirava e estimava a Stiller. Mas não o amava. Ela jamais entregou de vez o seu coração a homem algum.

Uma criatura, certa vez, visitou-a porque a conhecia e gozava da sua estima tão rara. Depois do jantar, invadida de violenta crise de **spleen**, ela iniciou uma série de discos suécos, os mais melancolicos e irritantes possiveis e ficou nela prolongadamente até que a sua visita lhe disse.

— Mas por que toca você toda essa série monotona de discos?...

— Por que me lembram um patricio que me amou, que eu não amei e que assassinei, involuntariamente...

Foi a resposta pastosa que ela me deu, emergindo lentamente do estupor intimo em que estava. Ninguem ousaria torturar assim a propria consciencia. Ela o fazia prazeirosamente, apenas para lembrar a si propria a divida que tinha com o passado...

John Gilbert apenas encontrou desdita no amor que votou a Greta Garbo. Ela foi atirada aos seus braços, sem que ambos o esperassem. Êle foi o seu primeiro amigo na America, o seu primeiro bom e sincero amigo que a acalentou quando o desanimo a invadiu. Entre ambos, êle fascinado pela esquisitice daquela criatura e ela atraida pela impetuosidade daquêle homem e pelo seu humorismo sadio que era cousa desconhecida para o seu temperamento triste.

(Termina no fim do numero).

Condenados

(CONDEMNED) — Film da United Artists. — Produção 1930

RONALD COLMAN . . . . Michel
Ann Harding . . . . Mdame Vidal
Dudley Digges . . . . Vidal
Louis Wolheim . . . . Jacques
William Elmer . . . . Pierre
Albert Kingsley . . . . Felix
William Vaughn . . . . . Ordenança de Vidal

Director: — WESLEY RUGGLES

Todo vicio de Paris e da França toda tambem, escoa-se para a Ilha do Diabo. Assassinos, ladrões, profissionais de jogo e crime, individuos da ralé e caráteres enlameados, todos êles descem á Ilha do Diabo... Lá, sob a lei, pagam pelos pecados e embora a maioria não se regenere, alguns encontram, naquela solidão e naquele sofrimento alguma cousa que os redimem para sempre.

Michel e Jacques haviam justamente arribado á Ilha ladeados de "gendarmos". Haviam saltado o limite da lei. Michel roubando, Jacques matando. Eram tipos radicalmente opostos: distintissimo, aquêle, sordido, este. Mas ali estavam para pagar pelo que haviam feito e assim o esperavam...

Entre as criaturas que, ali, não suportavam, sem terror, a convivencia com aquêles animais criminosos, acha-se madame Vidal, esposa do guardião de todos aquêles criminosos e chefe supremo na Ilha. Ela, delicada, sensivel e meiga, não suporta, absolutamente, a vida rodeada, sempre, pelos homens de menos caráter de toda França e de outras partes do mundo tambem. Mas Vidal é teimoso, obstinado e cruel: porque temer a esposa aquêles homens? E um dia faz-lhe uma proposta. Traria um dos convictos para ser seu criado e ela veria o quão submissos são esses homens do crime. Ela reluta. Ele insiste. Depois, mesmo sem o seu consentimento, apanha êle a Michel nas masmorras e o traz para servir á esposa. O principal motivo dessa remoção é a amizade de estranha que cresce entre Michel e Jacques, amizade essa que perturba a paz de consciencia do honrado guardião...

Passam-se os dias. O novo criado começa inspirando medo. Depois, delicado e fino como é, convence e sossega o coração daquela mulher sem amor. Mais dias e um amor sem remedio assalta a ambos. Não se confessam os mutuos sentimentos porque compreendem, principalmente, o quão inutil será. Para que?... Não seria, mesmo, agravar a situação dêle e comprometer a dela?...

As mulheres dos guardas começam a falar dela. Os rumores crescem. Um dia, aos ouvidos de Vidal chega o pesamento geral da ilha: Michel é amante de sua esposa...

Nessa mesma tarde Vidal, brutal e cinico como sempre, interpela a esposa. Ela nada lhe diz e êle, certo de que o seu plano não falharia, vai á noite á cela de Michel e, tratando-o com estupidez, diz-lhe as maiores baixezas para o forçar a confessar. Michel, digno naquele amor que o mudára, nega e, insurgido contra os insultos dos juizos daquele marido a respeito da digna esposa, esbofeteia-o. Nesse momento entra a esposa que se atira ao marido e lhe confessa que ama Michel. Nada havia entre êles, era certo, mas ela não podia deixar de confessar que o amava imensamente.

No dia imediato Michel é enviado para a solitaria da Ilha de S. José e Jacques é escolhido para ser criado substituto de Michel na casa de Vidal, ao lado de sua esposa...

Jacques conta a ela, entretanto, que nada lhe fará e que é o maior amigo de Michel. Essa confissão consola-a e principalmente alivia-a do medo que lhe causa o rosto medonho de Jacques.

Auxiliados por Jacques, madame Vidal e Michael combinam um plano de fuga. Ela iria ser levada á França pelo marido e, pela passagem em S. José êle fugiria e se juntaria a ela para fugirem.

Tudo concertado, é revelado o plano a Vidal que, ciente dêle, apronta-se para prender Michel. No momento em que aproxima-se dêle, Jacques, embora certo de que é sua morte, liquida a vida de Vidal e dá a Michel, assim, embora crivado de balas, a oportunidade para a fuga desejada. Ha soldados inumeros, entretanto e o cêrco não pode ser rompido. Michael conforma-se. Entrega-se de novo á prisão.

No último beijo que êle dá a Madame Vidal, sua querida, diz-lhe o quanto a saberá fazer feliz se ela o esperar. A promessa é santificada pelo amor sincero e grande de ambos e êle parte para cumprir a pena.

Até sumir o navio que o reconduz á Ilha do Diabo, o lenço e a saudade dela o acompanham. Depois, um choro violento apossa-se dela e lagrimas enchem-lhe a alma e os olhos. Anos passaria longe dela. Mas depois teria a felicidade que era o justo penhor daquêle amor imenso nascido em tão tragicas condições.

A Columbia, para seu programa 1931-1932, oferecerá "The Artist's Model", de Rupert Hughes "Love Affair", de Ursula Parrott, autora do argumento de "A Divorciada", "The Men in Her Life" de Warner Fabian, "Vanity Street", de Fannie Hurst "Zelda Marsh", de Charles G. Norris, autor do recente sucesso que foi "Seed" e "Blonde Baby", de Wilson Collison. Todos argumentos de escritores favoritos que muito, por certo, melhorarão a sua produção que já se vai elevando do nivel comum em que se achava e fugindo ao "slogan" que, antigamente, defendia a marca da fábrica: "se é um bom film, a Columbia o copiará". Para seus films de "far west", contratou Tim Mc Coy que, com Buck Jones, farão êsses assuntos.

William K. Howard, Norman Kerry, Lupino Lane, Philo Mc Cullough, Stan Laurel e Barry Norton, fazem anos a 16 de Junho.

Jules Furthman incluiu uma canção no cenario que escreveu para "Merely Mary Ann", da Fox, que tem Charles Farrell e Janet Gaynor nos primeiros papeis, com Alfred Santell dirigindo. Janet e Charles vão cantar, de novo?... Lembram-se de "Um Sonho que Viveu" e "Tristezas da Aristocracia"?...

Fred Niblo Jr., filho do Fred idem, contratou-se á Paramount como cenarista. Seu foi o principal sucesso de "Criminal Code", da Columbia, do qual todos muito elogiam o cenario.

Mary Doran...

E' AQUELA
PEQUENA
QUE FAZ A
DESGRAÇA DE
CHESTER MORRIS
EM "A DIVORCIADA".
SÓ DELE?...

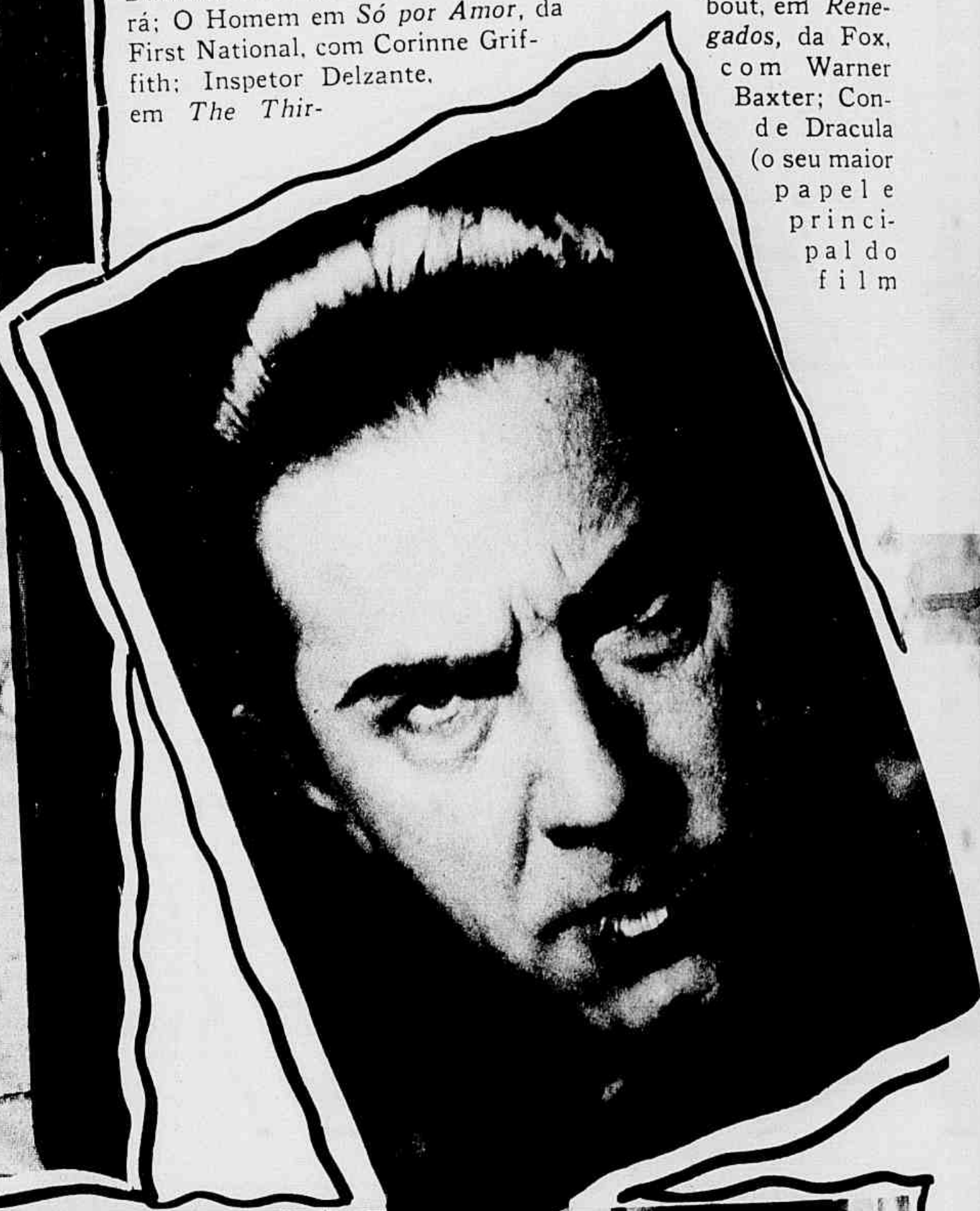
artista de teatro e, nêste, igualmente grandes têm sido seus méritos.

teenth Hour, da M. G. M.; Dr. Erdman, em *Such Man Are Dangerous*, da Fox,

DRACU

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood)

Foi Hisston, em *Ordens Secrétas*, da Fox, comEdmund Lowe; Michael Harmon, em *Peudula da Meia-noite*, da Chadwick, com Lila Lee; Jean Gagnon, em *A Mulher Regeitada*, da M.G.M., com Alma Rubens; Ataché, diplomatico britanico em *A Dama de Véu*, da Fox, com Lia Torá; O Homem em *Só por Amor*, da First National, com Corinne Griffith; Inspetor Delzante, em *The Thir-*

com Warner Baxter; Felix Brown, em *Mocidade Louca*, da Fox, com Frank Albertson; Frescatti, empresario, em *Paixão de Mulher*, da Fox, com Jeanette Mac Donald; O Marabout, em *Renegados*, da Fox, com Warner Baxter; Conde Dracula (o seu maior papel e principal do film

Uma cena do seu film "Dracula"

E' melhor entrevistar pequenas. Se estivesse, sempre, ao lado de Norma Shearer, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Nancy Carroll, etc., com sardas ou sem sardas, estaria melhor, evidentemente, do que ao lado de Ernest Torrence, Wallace Beery, George Bancroft ou Fred Kohler. Isto para não falar em cavalheiros peores, sem dúvida e peores, principalmente, pela pouca sorte que têm com os *fans* que não os querem e os admiradores ausentes que não os suportam...

Hoje é dia de falar de Bela Lugosi. Recentemente êle conseguiu um grande sucesso. Fez o papel de "Dracula", um anormal esquisito, cujas aventuras policiais o argumento conta e o film vive. A critica dividiu-se: uns gostaram, outros, não. Unanimes, apenas num ponto, entretanto: Bela Lugosi agradou!

Nos films, foi esta a sua carreira. Di-

do mesmo nome) em *Dracula*, da Universal; Fakir, em *Fifty Million Frenchmen*, da Warner, com Ole & Johnson; Pancho Arango, em *Broad Minded*, da First National, com Joe E. Brown; e, finalmente, Principe Hassan, em *Mulheres de Todas as Nações*, da Fox, com Vitor Mc Laglen e Edmund Lowe, o último film no qual apareceu, recentemente.

Não é mais vastamente conhecido, Bela Lugosi, por que têm sido mais ou menos insignificantes os seus papeis nos films, e, além disso, grandes as suas ausencias, todas motivadas por temporadas teatrais.

Houve um periodo em que Bela Lugosi desapareceu. Voltou ao teatro, ao qual, aliás, dá toda sua prefencia. Diz êle que a falta de platéa é uma cousa que o aborrece intensamente e que, assim, prefere ...

Com os films falados, entretanto, fez mais sucesso e, assim, resolveu tentar o Cinema de mais perto, estabelecendo-se finalmente em Hollywood.

A nossa conversa, caíu sôbre a versão Cinematografica do seu grande sucesso teatral, *Dracula*. Assim se expressa êle a respeito.

Disse-me que não se sentiu satisfeito com a direção de Tod Browning, no film, porque, diz êle, não aproveitou nada do que tinha nas mãos, para fazer um film, melhor ainda. A Universal, aliás, pensa fazê-lo aparecer novamente num papel dêsse genero. Isto é, em *Falkenstein*, outra historia sôbre um anormal.

Lugosi, aparte a questão de Cinema,

(Termina no fim do ...)

OUTRAS CENAS DE "DRACULA"

(INSPIRATION)

FILM DA METRO GOLDWIN

Greta Garbo	Yvonne
Robert Montgomery	André
Lewis Stone	Delval
Marjorie Rambeau	Lulu
Karen Morley	Liana
Joan Marsh	Madeleine
Gwen Lee	Gaby
Judith Vosselli	Odette
Beryl Mercer	Martha
Zelda Sears	Pauline
John Miljan	Coutant
Richard Tucker	Galand
Arthur Hoyt	Gavarni
Edwin Maxwell	Montell
Oscar Apfel	Vignaud
Paul Mac Allister	Jouvet

Direção de Clarence Brown.

INSPIRAÇÃO

Yvonne... Alta, loura, muito branca, muita fria... Corpo esguio e sinuoso. Rosto lindo, enigmatico e sensual... Cabelos de Champagne... Elegancia requintada, maravilhosa e exotica como ela propria... Yvonne! A favorita do "grand monde" de Montmartre. Yvonne, misteriosa, deslumbrante, e formosa... Yvonne, a fascinação de Paris, a inspiração sublime de homens e artistas. A inspiração das mais perfeitas obras de arte parisienses. De pinturas, estatuas, romances, musicas, poemas...

E assim fascinantemente bela, serena, fria, queimando, porém, os corações. Yvonne era a "unica", de Paris. Seus vestidos deslumbrantes, suas "fourrures" ricas, eram comentadissimos. E mais ainda os seus "affaires d'amour"...

Yvonne, irresistivel, e soberana incondicional no coração dos homens, entrou assim na vida de André, um estudante recem-chegado da provincia, um jovem pintor sonhador. Fascinou-o. Mas tambem se sentiu fascinada. Era o amor que chegava, impetuoso, ardente e avassalador.

Para André, a beleza serena e divina de Yvonne, o seu luxo estupendo, sua imagem etérea e misteriosa foi uma inspiração unica e tambem uma paixão ardente. André amou-a. Yvonne passou a ser seu vicio parisiense, sua embriaguês loura, sua obsessão amorosa, emfim... Para êle não existem nem louras Gabys, nem heraldicas Lianes, nem mesmo Madeleine, sua delicada noiva que o espera sonhadora na provincia. Os compromissos de familia, e sua palavra empenhada, tambem nada representam para André. Yvonne, só Yvonne, a sua morena parisiense perfumada á Chanel, com sabor de misterio, existe para êle!

Yvonne por sua vez sentiu o sabor da felicidade. E imaginando a ventura de uma "vila" florida, num "banlieue" solitario, os longos crepusculos perfumados de rosas, e o amor de André, ela numa ousada tentativa, para conter o amor de seu adorado, e para que êle esqueça o seu meio de vida, tudo abandona. Só quer o amor de André, e por uma modesta "vila" ela troca o seu luxo principesco, joias, brocados, festas orgiacas, luminarias de Paris, o mundanismo capitoso de Montmartre, Bois de Boulogne, Champs Elysées, Auteuil...

Torna-se simples, modesta, e ainda mais abre sua alma, toda sua alma, a André. Procura tornar-se o tipo de mulher que julga ser o preferido por seu jovem amante.

André, porém, sentiu-se ferido por uma desilusão. Tortura-lhe o pensamento a idéa dos outros amores sem conta da vida dela... Yvonne... não póde compreendê-la ali, simples, caseira, amorosa, sincera, ela, a grande mundana parisiense!

E sufocando a paixão que sente por ela, êle declara-lhe brutalmente que deve abandoná-la... Tem sua palavra empenhada, tem sua honra de familia, tem o seu brio de homem. Tem uma noiva á sua espera...

O choque para Yvonne foi rude e cruel. Feriu-a profundamente. A loura, diafana e fria estatua tambem tinha uma alma, uma alma sincera, de sensibilidade delicada. E Yvonne que tudo abandonara por André, Yvonne que fôra sincera uma unica vez, Yvonne que amava, verdadeiramente, ficou absorta, ferida, sentindo que dentro de si mesma qualquer cousa se despedaçava...

Mas Yvonne seguiu André. Quer ao menos um olhar de seu amado como esmola. E assim, oculta, ela perseguiu seus passos, muitas vezes...

André sente um turbilhão de pensamentos no cerebro. Não póde, bem o sente, abandonar sua Yvonne. Ela é mais do que sua propria vida. E é por isto que, certa vez, tomando conhecimento do suicidio de uma jovem, se sentiu assaltado pelo receio de que alguma tragedia se premeditasse no intimo de Yvonne. Só o pensamento de um suicidio o tornou louco, e aflito, ansioso, êle voltou para os braços de sua Yvonne, mais apaixonado do que nunca por sua inspiração suave e adorada.

Por ela, seu unico amor, êle abandonará tudo na vida, noiva, compromissos, futura carreira diplomatica, tudo!

(Termina no fim do número)

Pergunte-me outra...

Em "Patrulha da Madrugada" figuraram os filhos de alguns autores conhecidos: Douglas Fairbanks Jr. Boyd Irwin, Claude Gallingwater Jr, Harold Lockwood Jr, Stephen Carr, R. S. Wilcox, Thomas Carr e Carter De Haven Jr.

FAN-ATICO — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — Ela vai responder e você vai ficar satisfeito. Êle se chama Milton Carneiro Monteiro. Não, veiu cri-

Carlito quando chegou a Londres

ança para cá e aqui criou-se. Todos os pais têm o mesmo modo de pensar, meu amigo. Não os contrarie: por si mudarão. Pois mande que ela receberá com muito prazer.

VALFER — (Rio) — Obrigado pelo endereço. Você será em breve considerado para auxiliar com sua boa vontade e entusiasmo.

MARISA — (S. Paulo) — Que interessantes e inteligentes são suas cartas, Marisa! Escreva sempre, sim? Vou atender ao seu comentario, ao seu pedido e á sua sugestão. Interessante, sim. Foi justa, mas está dentro do seu programa parcialíssimo. Observe, você que tem cerebro e tirará a mesma conclusão. Tanto espirito achamos que chegamos a transcrever, mas pedir para não fazer mais letreiros tambem foi espirito. Sobre a fotografia em breve você será satisfeita. Quanto á sugestão, temo contraria-la, Marisa, mas para que? Por tudo que sai apenas CINEARTE interessa e, assim, para que nomes? Ha casos em que faz-se mistér citar e já o temos feito. Não acha, realmente, que é melhor assim? O de José Mojica foi de redação. As traduções importantes citamos. O Marinho é um especial. O que você escreve é muito sensato, mas êste ultimo caso é de orientação e, talvez erradas, achamos que é certa a que nela laboramos. Volte sempre, Marisa.

WILSON FONSECA — (Santarém - Pará) — Lembro-me de você, sim e espero que o correio daí regularise-se de vez. Sobre **Labios sem Beijos**, escreva á Paramount, Praça Marechal Floriano e reclame a sua exibição aí. Apenas Lelita Rosa. A construção ainda não começou e talvez não comesse tão cêdo...

"Street Scene" é uma peça que vem alcançando enorme sucesso em New York. King Vidor vai dirigir a versão cinematografica para a United Artists com Sylvia Sidney e Buster Collier.

ANGEL JOÃO — (Araraquara - S. Paulo) — E' um caso que só mesmo lendo, aqui, mas desde já aviso-o que a **Cinédia** não devolve originais de argumentos que lhe fôrem enviados.

H. SYMONOVICZ — (Santos - S. Paulo — Pois mostra que tem muito bom gosto e aceite meus parabens pela linda patricia que tem. Impossivel, porque só respondo por aqui. Póde lhe escrever para: Ruth Gentil, **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

H. MOURA — (P. do Sul) — Bravos! Volte sempre, Honorio.

GAUCHINHA — (Rosario - R. G. do Sul) — Mande em primeiro logar a sua fotografia para **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Depois aguarde a resposta que lhe dêm. A sua fôrça de vontade já é uma grande cousa.

NOEL LURAS — (Fortaleza - Ceará) — Muito obrigado pela fotografia. Mas chegou a ser começado o film? Entregarei á **Cinédia**, sim.

NILS NORTON — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Muito bem e felicidades pelo progresso! Não era sem tempo, não? Sem duvida, pois ali paga-se e pago nada é impossivel. Sobre **Labios sem Beijos**, escreva á Paramount e reclame a exibição do film. Não sei que historia é essa, não. Está no teatro, presentemente. Volte logo, sim.

ROLOW — (S. Paulo) — Envie primeiro o seu retrato e depois aguarde uma resposta. Sim, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Mas envie tambem o seu nome verdadeiro e o seu endereço.

JOÃO OSODRAC — (Jahú - S. Paulo) — Aqui as respostas que pede: 1.° — Olympio Guilherme, 5516, Fountain Avenue, Hollywood, California; 2.° — Lia Torá, 937, N. Edinburg, Hollywood, California; 3.° — a França; 4.° — Por enquanto, não; 5.° — Ainda existem alguns outros, mas não em atividade.

MASLOVA — (Rio) — E' um defeito que você notou com razão e será solucionado o mais breve possivel, creia. Se conversam? Alguns são até os meus tormentos, de tanto que falam... Se êle soubesse, com certeza estouraria de satisfação. Ela enviará a fotografia que lhe pedir, sim. Carmen Violeta é uma das artistas Brasileiras mais insinuantes, mais inteligentes e cultas. Merece a sua admiração, realmente. A qualquer hora e no dia em que quiser. Êle reside lá e de lá não sai.

HILMAILDA — (S. Paulo) — Você é muito gentil e muito interessante. Suas respostas: nasceu ha 26 anos em Vallejo, California, Estados Unidos; 2.° — Charles Morton, mesmo; 3.° — **The Dawn Trail**, para a Columbia; 4.° — Solteiro; 5.° — Atualmente não está em endereço certo, mas se escrever para a M. G. M. Studios, Culver City, California, é provavel que receba resposta, porque êle já trabalhou lá. Pois volte e eu tenho prazer em lhe responder e aqui estou para qualquer outra biografia...

ANIN — (Belém - Pará) — Não se zangue, sabe? Êle responderá, provavelmente. Sobre os dois films, nada lhe posso dizer, porque não estou ao par do movimento de programação das agencias, mas irão até aí, com certeza. **Labios sem Beijos** tem sido exibido por muitas cidades do Norte, já. Pois ainda não decifrei o seu nome, não e garanto-lhe que estou curioso...

GILBERTO LUIZ — (Pelotas - R. G. do Sul) — Eu perguntarei, sim. Você está atirando no que vê, Gilberto e acertando no que não vê... O misterio persistirá, ainda que todos queiram destrui-lo. E' mais interessante e ainda que vocês não creiam, a minha biografia é aquela que já tenho feito várias vezes. Agradeço muito o seu retrato. 1.° — Dificil de dizer. E' uma historia que não tem êsse dado certo. Nem em parte alguma do mundo. 2.° — idem; 3.° — idem; 4.° — Não sei. Sei, apenas, que a distribuição de ambos é pessima

Tom Mix tem estado a trabalhar num circo, mas ainda costuma ir ao studio da Fox para visitar os amigos, entre os quais Will Rogers. Tom Mix agora vai fazer seis films para a Universal.

e nada cuidada, apenas; 5.° — Muito breve e para breve estará pronto.

ZURY — (Rio) — Joan Crawford, M. G. M. Studios, Culver City, California.

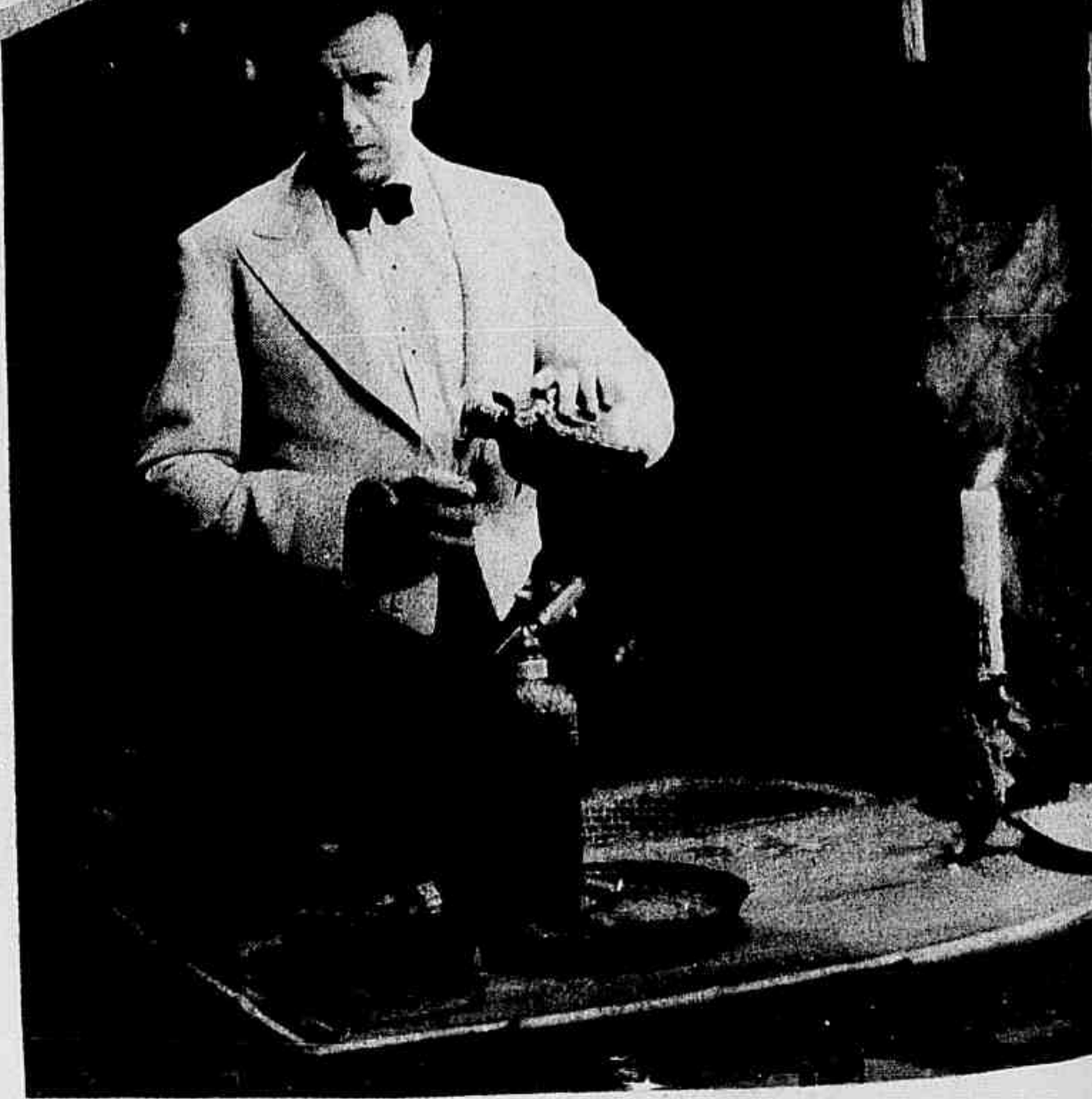
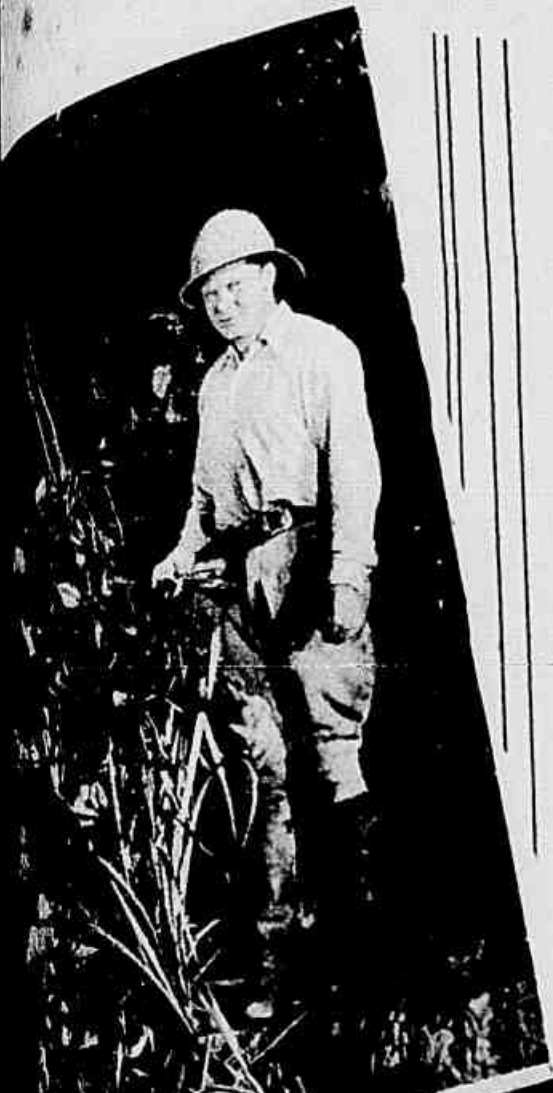
HOMEM DE MARMORE — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — E' que já tenho feito várias formulas. Você não tem coleção da revista? Escreva mesmo em Brasileiro e quando chegar no trecho em que falar em fotografia, grife a palavra **photograph** para que a secretaria do artista saiba do que se trata. E basta! O texto êles nem lêm! Francamente, não sei. Naturalmente muita atenção com os seus **fans.** Victor Mc Laglen, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California. Richard Barthelmess, First National Studios, Burbank, California. Douglas Fairbanks Jr., idem. Jeanette Mac Donald, igual a Victor. Joan Crawford, M. G. M. Studios, Culver City, California. Dela nada se sabe e não tem endereço certo.

OPERADOR.

CENAS DE "EAST OF BORNEO" DA UNIVERSAL

LUPITA TOVAR

G. RENAVENT E ROSE HOBART

GEORGES RENAVENT

RENAVENT, ROSE E GEORGE MELFORD

NOBLE JOHNSON

Porque Loretta Young não foi feliz...

— Eu errei, confesso. Foram as primeiras palavras que me disse Loretta Young, quando a procurei para uma conversa. Depois ela continuou falando, certa de que tocava justamente o ponto que minha curiosidade queria conhecer...

— Meu casamento foi o maior erro da minha vida. Será, tenho a certeza, a infelicidade maxima á qual possa atingir.

E pôs-se pensativa enquanto estudava suas novas frases. Era espontaneo o que ela me dizia, vinha do seu coração. Punha ela propria, em poucas sentenças, um final infeliz a um dos romances mais bonitos e mais curiosos que já viveram a luz de Hollywood.

Eu a encontrei, para conversar, na sala bonita do seu proprio apartamento, o apartamento das tres irmãs: ela, Sally Blane e Polly Ann Young. Justamente o lar que sua mãe pediu, encarecidamente, que ela não deixasse para se casar com Grant Withers, antes da sensacional fuga de ambos para o Arizona a cousa de ano e meio, mais ou menos.

Hoje, do seu casamento só restam amargas recordações.

E' facil verificar o quanto se sente feliz a pequena familia tendo-a de novo entre elas. Foi dentro dessa atmosfera de amisade, carinho e cordialidade que me receberam e me trataram. Ha, nêle, o mesmo telefone que toca chamando pelas duas lindas garôtas da casa, Polly Ann e Sally, levando-as depois para os Studios, para as filmagens e o mesmo doce lar que Loretta hoje quer mais do que nunca.

Delas apenas Loretta mudou. Não ri, mais, com aquela vivacidade, com aquela felicidade com que costumava sorrir aos seus pares e aos seus conhecidos nos bailes diários do "Cocoanut Grove". Durante o tempo todo em que conversou comigo, suas mãos, paradas, não se moveram de cima dos seus joelhos. Seus olhos fitavam-me, constantemente, como se se quizessem abrir, francos, para me mostrar, bem clara, o que fôra a desdita que a ferira nos seus pequeninos e tão lindos dezenove anos de vida...

— Mentalmente sou velha, hoje. Grant não sabe o que foi que êle me fez... Entretanto, ainda me tem telefonado, varias vezes e outro dia, pelos fios, pediu-me, numa voz que senti sincera, três cousas. Mas quis que eu as pusesse debaixo de promessa... Prometi! Queria que eu não saisse em companhia de ninguem até êle voltar; que eu não iniciasse ação alguma de divorcio até êle regressar da sua *tournée* teatral pelo interior do país; que eu lhe desse mais uma oportunidade. Tenho cumprido essas promessas. Ainda não procurei advogado algum para o divorcio. Ainda não saí em companhia de quem. Mas meu coração duvida que ainda haja qualquer, forma de oportunidade para nós...

Depois de uma pausa em que me sorriu, triste, pôs-se a falar de novo.

— Eu não amo mais a Grant. Quando eu me pônho a pensar naquela nossa intempestiva fuga chego a ter certeza de que jamais o amei. Estava profundamente céga, radicalmente imbuida das idéas dêle, isso sim. Achava-o o

— Meu casamento com Grant Withers, foi o maior erro da minha vida.

(Termina no fim do número).

LOUISE FAZENDA, TAL QUAL E' E TAL QUAL SE FAZ...

A VERDADEIRA VIDA de

3.° CAPITULO

(Continúação)

Jamais tinha tido um vestido realmente bonito. Sempre usara cousas baratas e tecidos de seda eram quasi misterio para mim... Elmer Clifton pagou-me suficientemente pelo meu trabalho no seu film e foi com êsse lucro que eu consegui comprar êsse vestido com o qual ha tanto vinha sonhando. Minha Mãe, nessa epoca, já estava gravemente doente. Mas ha tanto tempo achava-se ela doente que na verdade, eu não esperava desenlace algum para o seu caso que cronico já era. Fui com Willie á festa. Usava o meu vestido novo. Jamais me diverti tanto, Jamais emocionei-me tanto! Dansei, bebi, alistei-me entre as mais sapécas daquela noite. Estava a festa no meio quando apareceu lá meu Pae. Vinha extremamente palido e desfigurado. "Sua Mãe... Minha Filha, vem comigo!". Acompanhei-o, sem dizer mais uma só palavra. "Mamãe...". "Mamãe...". Era a unica cousa que falava baixinho, enquanto íamos para casa e eu não queria advinhar aquilo que estava claramente marcado na fisonomia de meu Pae. Encontrei-a branca, deitada sobre o leito. Não me reconheceu. Pobrezinha de minha Mãe! A sua imagem, morta, mais angelica do que nunca, eu não esquecerei nunca, Gravouse-me no cerebro... Ela foi a mais infeliz de todas as criaturas dêste mundo. Lembro-me que lhe disse muitas cousas sem nexo, muita cousa envolvida no remorso que eu sentia, profundo, em ter entrado para o Cinema, contrariando-a. Prometi deixar a carreira, ser apenas sua filha. Mas era inutil. Ela morrera... Meu Pae deu-me o conforto maior possivel e foi nos seus braços que aliviei um pouco da grande angustia da minha alma, do meu coração aniquilado. A morte de minha Mãe, que, apesar de tudo, era a image msanta que me acompanhava e me protegia. de tudo e de todos, deixou, na minha vida, um profundo vaquo...

Como já disse, sempre á uma grande felicidade vinha-lhe uma desgraça e vice-versa. Logo após o choque tremendo que levou, perdendo sua Mãe, conseguia o papel principal feminino em **Grit**, co-adjuvando Glenn Hunter que, nessa epoca, era um dos mais famosos artistas de teatro nos Estados Unidos. **Grit**, na verdade, quasi nada adiantou para o renome de Clara Bow mas foi, mais tarde um fator importante na sua carreira no Cinema. Primeiramente porque a poz em contato direto com B. P. Schulberg, hoje diretor geral da produção da Paramount e, tambem, J. G. Bachman, que na epoca era um dos dirigentes da Independent Preferred Pictures. Além disso, a sua boa e grande camaradegem com o diretor Frank Tuttle que, mais tarde, muito a auxiliou a galgar sucesso definitivo.

Frank Tuttle, falando de Clara Bow que ainda não chegara a Hollywood e ainda permanecia em New York, disse-me.

— Suas emoções sempre estavam á superficie. Dizendo-lhe que chorasse, choraria, quasi imediatamente. Dinamica como jamais vi outra, profunda, energica, agitada e nervosa. Agradavel a todos e de uma amabilidade e um coração incomparaveis! Jamais a vi sentada, confesso. Um dia, quando faziamos **Grit**, vi-a desaparecer e, por curiosidade, acompanhei-a. Fui encontra-la jogando gude com moleques das proximidades do Studio...

Entre êstes moleques, aliás, achava-se um que é conhecido nosso. Trata-se de William Janney que, com Mary Pickford, em **Coquette**, estreou-se no Cinema e alcançou o seu primeiro sucesso.

Clara nunca mostrou grande interesse pelos homens que se interessavam violentamente por ela. Ela gostava era de dansar e quando o fazia esquecia-se de muito dos seus dissabores. Dansasse o quanto dansasse, entretanto, de nada importava: no dia seguinte, pela manhã, era a primeira a entrar para o **set**, já **maquillada** e pronta para o trabalho.

Foi Schulberg que mandou ordens ao seu associado Bachman para mandar Clara Bow para a California. Ela nunca fôra além de New Bedford, na sua vida e, assim, a viagem para a California, para ela, era uma grande emoção.

Além disso, Bachman adiantara-lhe dinheiro para fazer compras e ela fez quantas poude e quantas lhe permitiram o dinheiro que tinha comsigo.

Justamente na vespera do seu embarque é que encontrei-me com ela, na fórma já descrita. Ela amara Willie e dissera-me que se queria casar com êle. Quatro anos depois, na California tambem eu, disse-me ela que Willie fôra um dos homens que amara com ardor e emoção.

— Só conheci o que era amor, realmente, quando me encontrei com Gilbert Roland.

Disse-me ela, tambem. Voltemos um pouco atrás, entretanto.

A separação de seu Pai foi alguma cousa de cruel e violento que ela jamais calculou que fosse tanto. Abraçaram-se longamente, quasi sem fim, mesmo e separaram-se com uma dor nos olhos e no coração que era de angustias qualquer que assistisse a cena. Êle sabia muita cousa de Hollywood e, como Pai zeloso, temia pela segurança de sua filha, naquêle ambiente.

J. G. Bachman, que assinara o contrato com Clara Bow garantiu ao Pai que tudo ficaria em perfeita ordem, para ela. Foi ela posta aos cuidados de Maxine Alton, uma agente de segurança que seria sua companheira na viagem que ia empreender pelo continente.

B. P. Schulberg gaba muito a Maxine Alton. O pai de Clara Bow, entretanto, diz que daria os dias de sua vida para que ela jamais se encontrasse com aquela criatura...

— Ela é que levou minha filha comsigo para Hollywood Alugaram um apartamento em Hollywood, chamado apartamento Hillview. Clara ia mandar que eu fosse, mas dias passaram-se e noticia alguma recebi de lá. Senti-me só, sem esposa, sem filha, sem ninguem. Acabei insistindo na minha ida para a sua companhia. "Arranjemos um bungalow e moremos juntos." Escrevi-lhe. Ela concordou comigo, felizmente e passamos a morar, filizes, num pequenino bungalow. Ela ia vencendo abertamente no Cinema e eu me sentia profundamente envaidecido com isso. Nessa epoca ela encontrou-se com o filho unico de um milionario. Êle prestou-lhe atenção, cortejou-a, adornou-a com presentes e fez-lhe os maiores rapa-pés. Levou-a a logares aos quais ela jamais fôra, em sua vida. Ela me disse, mais tarde, que tanto quanto apreciava as festas, detestava o milionario que as prodigalizava. Ela sentia que era apenas camaradagem e não aceitava isso como amor.

* * *

Para Clara e seu pai, aquêle sucesso que assim chegava, quasi inesperado, era a maior demonstração de sorte que êles já haviam presenciado. Olhando a filha, êle dizia:

— Eu sinto que devo continuar fazendo por ti o que Sarah faria, se fosse viva!

Lembrava-se, dizendo isso, que havia feito uma promessa á esposa, quando ainda viva e não podia deixar de a cumprir.

O primeiro film que Clara Bow fez em Hollywood, foi no Studio da Preferred, na estrada Mission. Ethel Shannon era a estrela e o film chamava-se **Maytime**. Ethel, hoje casada com Joe Jackson e afastada do Cinema, não se enciumou com a chegada da nova estrelinha que se ia estreiar. Auxiliou-a, muito e com os auxilios de Gaston Glass, Kenneth Harlan e pessoal do Studio, fez o possivel para tornar o caminho dela toda uma felicidade.

O film em questão de nada adiantou para Clara Bow. O seu papel era pequenino e, ainda havia o seu temor de nada de bom conseguir fazer com êsse curto e simples papel. Clara, aliás, sempre foi supersensivel. Ela sempre acha que vai mal em tudo e nada faz direito. Nêste particular, aliás, assemelha-se ela imensamente a todas as grandes artistas do mundo. Sarah Bernhart tinha essa qualidade. Tambem Duse. Ao erguer dos panos, ambas sentiam-se imensamente comovidas e mesmo no apogeu, quando nada mais de formidavel podiam representar diante dos publicos que tão bem as conheciam.

Depois de a ver novamente na têla, B. P. Schulberg, produtor dos films da Preferred e um dos seus maiores e mais sinceros amigos, desde que se acha em Hollywood, compreendeu perfeitamente todos os seus carateristicos e planejou, logo, cousas muitos melhores para ela interpretar. Viu, num relance, que tinha, em suas mãos, uma verdadeira artista.

Quando Carl Laemmle a pediu emprestada para lhe dar o primeiro papel em **Vinho Capitoso** (Wine) (ultimamente aqui exibido com o titulo de **Alcool, em reprise**), Sculberg a deixou ir, sem uma palavra e sem uma recusa. Êle sabia, perfeitamente que ela estaria melhor nas mãos daquela empresa organizada, do que nos films particulares dêle e J. G. Bachman. Além disso, que-

ria espreita-la num film realmente bom para, depois, tirar o seu proprio conceito para as seguintes produções que fosse filmar.

Foi **Vinho Capitoso** o film que lançou Clara Bow ao genero de "melindrosa sapéca" ao qual depois ela tanto se habituou. Simbolisou ela, daí para diante, a pequena moderna, desmiolada, ousada e perigosa. Vendo-a nêsse film, Schulberg, logicamente, procurou uma historia identica para o seu proximo trabalho. Foi assim que escolheu **Luar, Musica e Amor** (The Plastic Age), de Percy Marks. Era um romance que fazia sucesso pelo País todo e, assim, a oportunidade da nova estrelinha era a maior imaginavel. A historia era ousada, moderna e mostrando, em todo esplendor, as maluquices de uma garota moderna.

Luar, Musica e Amor foi o film que deu a Clara Bow um dos seus mais curiosos romances. Donald Keith, seu galã, apaixonou-se ardentemente por ela. O vilão era Gilbert Roland, o hespanhol de olhos de fogo que, por sinal, não os tirava de cima dela e dos seus encantos inegaveis... A principio ela não tolerava siquer olhar Gilbert Roland. Êle era o vilão do film e todo seu interesse concentrava-se, fóra da téla, no galã, tambem. Donald Keith, além disso, era diferente de todos os rapazes que ela conhecera em Brooklyn. Êle a cortejava com assiduidade. Rendia-lhe ás maiores e mais rasgadas homenagens e mostrava-se, no mais simples detalhes, prodigo de paixão e nobr●za de sentimentos. Noticiaram os jornais que ela se casaria com Donald pelo Natal daquêle ano, 1925. Quanto a Keith, duvida alguma podia existir quanto á paixão imensa que Clara acendera em seu coração. Deu entrevistas, gritou bem alto o seu amor e preparou-se, mesmo, para conduzi-la ao altar. Quanto ao casamento, entretanto, Clara tinha as suas proprias idéas. Como amiguinho e como companheiro, realmente, Keith era dos melhores que ela já havia encontrado, mas, quanto a amor... não seria sincera se dissesse que o amava. A êste respeito ela me disse:

Donald Keith é, dos rapazes que conheci, um dos mais distintos e inteligentes. Eu não me queria casar com êle e com ninguem. O matrimonio ainda não me interessava. A simples menção de casamento, aliás era o suficiente para me enervar. Meu pai gostava de Donald e fez o possivel para que eu me casasse com êle. Decidimos, Donald e eu, então, que não mais tocariamos no assunto e ainda que comovidos, ambos, realmente jamais tocamos no caso.

Mal se refazia ela dêsse romance que não fôra magua alguma para seu coração, entrou, pela sua vida, o primeiro verdadeiro e profundo amor de sua vida: Gilbert Roland.

Clara Bow tinha, nessa epoca, apenas vinte anos. Não havia encontrado, até aquêle momento, homem algum que lhe beijasse a mão, reverente; dissesse poesias loucas aos seus ouvidos e lhe cantasse, baixinho, canções de uma terra estranha apenas para ela escutar... De amor, transformou-se aquêle afeto em adoração [illegible]. Gilbert era contratado de B. P. Schulberg, igualmente. O produtor animou aquêle amor e, elogiando um ao outro, pô-los ainda mais dispostos á paixão que os consumia.

Se ficassemos sós, depois dos nossos trabalhos e nos amassemos quanto quisessemos nossos corações, seriamos felizes, eu sei. Mas havia muita gente em torno, muita inveja, e, assim, tudo terminou...

Apesar disso que ela propria me disse, o amor que ambos sentiram, mutuamente, foi dos maiores que em toda sua vida ela teve. Uma das razões do rompimento dêles foi o ciume exagerado de Gilbert. Clara não poude deixar de agradar aos outros, não pode deixar de ser atraente para os homens. Seria exigir do sol deixar de aquecer, deixar de brilhar... Ela sempre quis ver a todos os que a rodeiam felizes e aos homens que ela iluminou com seus carinhos, com seu amor, deixou a indelevel impressão de ter sido, realmente, o maior amor de suas vidas. Por isso não a podemos censurar. E' seu genio, seu sentimento, seu proprio coração. Desruir êste modo é matar a sua propria existencia

Justamente quando o amor de ambos estava no apogeu, Schulberg foi contrato pela Paramount e, chamando-a ao seu escritório, propôs leva-la comsigo como estrela. Gilbert Roland tambem iria disso êle tambem se havia incumbido.

O contrato de Schulberg com a Paramount, dava-lhe grande autonomia e, assim, para Clara Bow o mesmo significava que iria ter melhores films, melhores papeis. Sonhou um melhor futuro, percebeu uma vida melhor. O seu romance, com Gilbert, estava então no zenit! Todos os dias, todas as noites, todos os momentos estavam juntos, amavam-se, apaixonada, imensamente! Seu pai acompanhava ao seu lado êsse romance. Tinha um apraziavel lar, tinha dinheiro para se vestir bem, tinha tudo quanto podia sonhar ter uma pequena da sua idade, do seu temperamento.

Corinne Griffith planejava, por essa epoca, viver o romance de Gertrude Atherton, **Black Oxen.** Discutindo o papel de neta, com o diretor, Frank Lloyd, concordaram, ambos, que Clara

CLARA BOW

Bow era a unica que poderia interpreta-lo com vantagem. E, assim, entrou ela para o elenco de **O que as Mulheres Querem,** a versão de **Black Oxen** para o Cinema.

— Franck Lloyd foi dos diretores que tenho conhecido, um dos mais admiraveis e inteligentes que já tive. Acho até hoje, que **O que as Mulheres Querem** foi um ponto que marcou uma grande diferença na minha vida. Deu-me a oportunidade de viver uma pequena americana, herdeira de milhões e a qual tinha o mundo a seus pés. A netinha rica não sabia o que fazer com o que tinha ás mãos... Era, sem querer, o meu primeiro problema. Frank Lloyd era muito delicado comigo. Era paciente e me encorajava muito quando tinha que ir para diante da **camera.** Jamais tive animo para ensaiar e êle, diferente dos outros, vendo que eu sabia fazer aquilo que êle me pedia que fisesse, livrava-me dos ensaios e deixava-me representar espontaneamente aquilo que eu já sentia perfeitamente dentro de mim.

Aos diretores que a ajudaram, Clara Bow sempre votou e continua votando a mais sincera estima e a maior gratidão. A Warner, tendo Ernst Lubitsch na direção, ia filmar **Beija-me Outra Vez** (Kiss me Again). Clara foi convidada para um papel importante e posta no elenco. O seu trabalho foi tão sincero, tão bom, tão magestoso, que Lubitsch não lhe negou, nunca, esta frase que a mim tambem disse:

— Miss Bow tem grande talento. E' simpatica, sincera e comprende, perfeitamènte, o papel que representa. Ela tipifica, na minha opinião, a pequena americana que tantas estão procurando imitar...

Para Schulberg a frase de Lubitsch mereceu uma grande publicidade e uma enorme alegria. Êle era o maior responsavel pela sua vitoria e rejubilava-se com isso.

Em seguida teve o papel de heroina do film **Casar e Descasar** (Kid Boots), do qual Eddie Cantor era o principal artista. Encontrou-se ela novamente com Frank Tuttle que ia dirigir o film.

Senti, vendo-a.

Disse-me Frank.

Que havia mudado muito. O seu rosto não era mais o de uma jovem inocente. Ela tinha a tragedia da vida estampada no rosto, viva. Da sua infancia dramatica surgira uma grande artista! Carlito é, sem duvida, um dos maiores artistas do Cinema, por que? Porque dá sentimento, drama, tragedia, dentro das situações comicas dos seus

Quando apareceu nos films..

Quando Clarinha tinha um ano.

films. Foi a infancia tragica de Carlito que lhe deu êsse dom incomparavel. Clara Bow tem êsse mesmo particular como ambiente rodeando o seu passado. Clara Bow, creia, é vitima do seu proprio talento. Quando ela faz um film, pouco come, pouco trata de si. Dedica-se demasiado! E' estremamente nervosa. Tem qualquer cousa de um complexo Freudiano dentro de si. Ela foi a unica que não aceitou **doubles** para o seu papel em **Casar e Descasar.** Compreendemos o que significou aquilo, apenas depois que a vimos dar um salto que, mal dado, seria a sua morte certa...

Eddie Cantor correu para ela e lhe disse: "Clara, és uma criatura valente"! Ela lhe respondeu, simples e calma: "Nada mais fiz do que o meu dever "

Tão feliz tem sido o acordo Clara Bow-Frank Tuttle, que a Paramount os juntou, dirigindo e interpretando, em **Noiva da Esquadra, Her Wedding Night** (que não foi exibido), **Amor entre Milionarios** e recentemente, em **A indicadôra de Cinema.**

* * *

O ano de 1925 foi o mais feliz da sua vida. Ela ainda não era estrela, na verdade, mas era feliz, 1926 foi o ano mais tragico da sua vida, segundo ela propria afirma. O mais tragico ou o "dos" mais tragicos. Foi em 1926 que ela rompeu a sua ligação com Gilbert Roland.

Foi o primeiro escandalo que a feriu. Os jornais deram-na na primeira pagina, em titulos bem grandes, chamando, brutais, as atenções de todos para o seu nome num caso gritante. Dias depois quando Robert Savage tentou matar-se por causa dela, dizendo-se furiosamente apaixonado, os jornais voltaram com maior impeto, maior escandalo ainda. Foi tambem durante êsse ano que seu pai casou-se com Idella Mowrey que seria, futuramente, não só o maior desgosto de seu pai, como tambem o seu.

Schulberg, sempre seu amigo, mandou-a para Santo Antonio, afim de figurar em **Azas,** num dos primeiros papeis. Lá encontrou-se ela com duas criaturas que nem sabia existentes e que seriam, tambem, personagens importantes na sua vida, futuramente. Uma delas era Daisy De Voe, cabeleireira que a Paramount mandára para lá igualmente, afim de prestar seus serviços aos **unit.** Essa mesma companhia fazia, então, dois films. Um era **Azas** e o outro, **Irmãos na Luta, Rivais no Amor.** Por essa ocasião Daisy De Voe achava-se com o **unit** de **Irmãos na Luta, Rivais no Amor.** Clara não a conhecia embora ela forçosamente a conhecesse.

(Continúa no proximo numero)

E' comum não se perguntar a uma mulher a idade que tem. A de Marlene Dietrich, entretanto, eu sei e é por isso mesmo que digo: 27 de Dezembro de 1905, seu aniversario...

O seu nome não é o que usa. Ela é filha de um falecido oficial alemão, e, chama-se, na realidade, Marlene von Losch. Seu pai era nobre, mas sua mãe não o era. O nome de familia de sua mãe era Felsing..

Marlene, educada em Berlin, educou-se com raro brilho. Cursava o liceu Augusto Victoria, e tinha, particularmente, professores varios, especialmente de linguas estrangeiras ás quais devotava uma profunda parte da sua atenção. Assim que concluiu seus estudos secundarios, foi enviada a Weimar, a cidade de Gœthe, afim de aperfeiçoar, lá, os seus conhecimentos, entrando, assim, pela parte final da grande cultura moral e intelectual que hoje é um dos seus maiores caracteristicos.

Foi sem querer, o primeiro passo por ela dado para a estrada da arte que se iria abrir diante dela. O seu talento musical era indiscutivel e, assim, Marlene von Losch entregou-se de corpo e alma aos estudos de piano e violino, particularmente violino, ao qual devotou grande parte do seu tempo e no qual fez estupendos progressos em poucos meses de estudos acurados. Além disso ela brincava com toda sorte de instrumentos e o serrote, então, tocava-o ela com pericia deslumbrante alegrando todas as festas que frequentava com essa faceta de seu talento.

Apesar de todo seu amor á musica, entretanto, não seria pelo seu braço que ela ingressaria para o terreno das artes que já começavam a fascina-la de vez.

Lembram-se de Marlene no velho film alemão, "Navios dos homens perdidos"? Foi dirigido por Maurice Tourneur.

Max Reinhardt era, como todos o sabem, a figura maior do teatro alemão e ainda o é. Êle mantinha, como mantem, uma escola para artes dramaticas e dela arrancou muito bom artista para os palcos de todo mundo. Berthold Held era e é diretor dessa escola e, foi êle mesmo que me falou a respeito do ingresso de Marlene para êsse curso.

— Foi a cerca de oito anos que Marlene Dietrich apresentou-se a mim vinda em companhia de sua mãe. Era uma jovem como outra qualquer e, aparentemente, não oferecia particular algum que chamasse maior atenção sôbre si. Um dia, entretanto, ela me pediu para recitar uma poesia classica para que, assim, eu lhe ouvisse a entoação da voz e reconhecesse suas possibilidades dramaticas. Daí para diante verifiquei o quão notavel ela era e passamos, juntos, a estudar autores celebres. O papel da Princêsa Eboli, do *Don Carlos*, de Schiller, era o que ela melhor recitava e ao qual mais dramatica e admiravel interpretação dava. Foi mais ou menos por essa época que me contrataram para ir ao Studio da Efa, servir como instrutor tecnico de determinados efeitos do film que faziam e lá, tambem, indo em companhia de Marlene, pois ela muito se interessava por essa arte, que ela conheceu Rudolf Sieber, hoje seu marido e então diretor do film que a Efa fazia. O interessante é que no mesmo dia foi comigo uma outra criatura pela qual um dos grandes diretores que ali estava interessou-se não como artista e sim como namorada com a qual depois casou-se... Êsse homem era Ernst Lubitsch e ela a sua hoje divorciada esposa.

— Eu sabia, desde êsse instante, que a atenção maior de Marlene estava com o Cinema e que nem tanto ligava ela ao teatro. Encontrei-a, a última vez, a cousa de ano e meio. Foi antes de ser ela contratada para viver o papel de Lola em *O Anjo Azul*. Mas ela já havia feito alguns films de sucesso e nem por isso deixou de reconhecer em mim o bom amigo que sempre fomos, quando, juntos estudavamos os classicos na escola de Max Reinhardt.

O PRO

Volvamos, agora, um pouco para a sua carreira. Depois dos seus estudos sob a orientação do professor Berthold Held, conseguiu ela alguns pequeninos papeis no *Deutscher Theater*, e, tambem, no *Staatstheater*. Mas ela ansiava por horizontes mais vastos e, assim, em Viena conseguiu ela no *Kamerspielen*, tambem de Reinhardt, bons sucessos em

peças como *Broadway*, na sua versão alemã e, depois, *Schule von Uznoch*.

De volta a Berlin, Viktor Barnowsky, o maior rival de Reinhardt, no terreno teatral, contratou-a e pô-la novamente em *Broadway*, alcançando enorme exito. Não era ela ainda uma *estrela*, mas já se fazia conhecida como criatura de méritos, incontestaveis.

Por essa época, mais ou menos, veiu-lhe o maior exito teatral: exibia o *Komodie*, um dos mais famosos teatros de Reinhardt, em Berlin, uma encantadora revista, em 1928, entitulada *Es Liegt in der Luft* (Está no Ar). Marlene tinha um dos primeiros papeis e fazia um sucesso maluco. Foi aí que seu nome saltou para a primeira fileira dos nomes teatrais da Alemanha. Seus encantos, sua voz e sua arte puzeram-me-na num plano invejavel, sem duvida. Ainda hoje Berlin lembra-se da sua principal canção nessa revista, intitulada *Ween die Beste Freundin mit der Besten Freundin* (Quando a amiguinha encontra o amiguinho...).

Hoje, entretanto, ela preocupa a atenção mundial pelo Cinema. Robert Land, um dos diretores que ela teve, na Alemanha, fala do que foi a sua carreira no Cinema alemão.

— Ouvi e vi Marlene em 1928, na revista *Es Liegt in der Luft*. Achei-a fascinante! Sabia que ela havia de dar uma genial artista de Cinema e essa idéa jamais saíu do meu cerebro. Conseguia-a, depois de conversar varias vezes com ela, para um papel pequeno no meu film, *Prinzessin Olala* e o seu desempenho encorajou-me a tentá-la no principal papel do meu outro film a ser feito, intitulado *Ich Kusse Ihre Hand, Madame*, juntamente com Harry Liedtke um dos mais velhos e mais famosos entre os artistas de Cinema alemão. Ela fez muito sucesso nêsse film. Ela é, até hoje, muito minha camarada e eu a estimo muito. O sucesso que tem conseguido, ultimamente, é mais do que merecido. Eu sempre a conheci dentro das suas melhores qualidades. E' caritativa, amavel, meiga, docil e artista até as raizes dos cabelos. Um assombro, em suma! Em varios acidentes que tivemos, durante nossas filmagens, sempre ela se manteve inalteravel, bondosa e meiga. Jamais perdeu a calma ou portou-se inconvenientemente, como é usual.

de MARLENE...

Seguiram-se outros contratos para Cinema. O seu primeiro papel de vampiro foi no film *Die Frau, Nach der Man sich sehnt*. Quem a escolheu para o papel foi o celebre diretor Kurt Bernhardt, dos poucos bons que a Alemanha realmente tem. Depois disso ofereceram-lhe o primeiro papel feminino no film que Maurice Tourneur ia fazer na Alemanha, *Schiffe der Verlorenen Menschen* (assunto que êle tambem dirigiu nos Estados Unidos) e na qual ela tambem alcançou grande exito.

Depois disso contratou-a Josef Von Sternberg para *O Anjo Azul* e, em seguida, com procuração de Jesse L. Lasky, contratava-a o mesmo diretor para seguir ela com ele para os Estados Unidos, afim de realizar a melhor porção da sua carreira na verdadeira patria do Cinema.

Ha sete anos que Marlene é casada e é feliz com Rudolf Sieber. A filhinha de ambos, hoje com cinco annos, chama-se Marlies, mas todos a conhecem pelo nome de "Heidede," um apelido que lhe deu Marlene.

Tudo é possivel esperar do futuro da carreira dessa criatura. O seu curto passado pelo Cinema alemão foi deslumbrante e a sua pequenina estadia, por enquanto, no Cinema americano é toda cheia das melhores promessas. Afiançam esta confiança a sua inteligencia e a sua personalidade indiscutivel.

Marlene Dietrich é uma das artistas de Cinema mais notaveis do mundo. Isso êle provará de sobra.

Marlene na biblioteca da sua casa em Berlin, com sua filhinha Marlies.

Marlene chama a sua filhinha Marlies de "Heidede".

₴ Para o film *The Sphinx Has Spoken*, da R.K.O., Max Ree, seu diretor de arte, fez construir uma montagem que representa um banheiro Dizem os críticos que os de De Mille são méras criançinhas de peito ao lado dêsse... Lily Damita é a estrela, como se sabe e Erich Von Stroheim e Adolphe Menjou os primeiros artistas. Victor L. Schertzinger, dirige

₴ *Don't Bet on Women*, que a Fox fez, ha tempos, com Edmund Lowe e Jeanette Mac Donald, nos primeiros papeis, terá sua versão hespanhola. Dirigirá, David Howard.

₴ Nicholas Schenck, presidente da M.G.M., declarou, recentemente, que não cortará salario algum dos seus contratados. "A M.G.M. não corta salarios. Aumenta-os!" Disse — êle.

₴ Theodore Dreiser, autor de *An American Tragedy*, que a Paramount terminou, assistiu a exibição privada do mesmo e não gostou. Disse o diabo contra a adatação. A eterna historia..

EM BAIXO, MARY, DO ALBUM, DA SALA DE VISITAS

Mary Nolan...

AMOR...

Mildred Davies, Harold e "Bud", o Harold Jr. Não é parecido com o pai? Que gracinha!

Dizer "eu te amo", diante de um microfone, é o suficiente para sentir o artista o que diz e, naquêle momento, ao menos, amar a pessoa que tem nos braços?

Quando faziam **The Virtuous Sin**, Kay Francis disse-o a Kenneth Mac Kenna e êle lhe replicou que sim, que tambem a adorava. Depois do film ficaram noivos e, em seguida, casaram-se...

Bill Boyd murmurou a classica frase aos ouvidos de Dorothy Sebastian, quando juntos fizeram **His First Command**. Foram terminar a frase ao lado de um sacerdote, unindo-se pelo matrimonio.

Carole Lombard não escondeu o seu profundo amor por William Powell, em **Ladie's Man** e **Man of the World**. No primeiro, William não concordou, a não ser por conveniencia. Mas no segundo, confirmou e disse, ainda, que ela era toda sua vida. Acabam de anunciar que estão noivos e malucos pelo proximo casamento...

Depois de viverem as cenas de amor as quais citamos, Kenneth Mac Kenna e Kay Francis passaram a se encontrar, todos os dias e a jogar **bridge** regularmente em conjunto. E' provavel que ela tenha roubado o seu coração durante o film. Mas o fato é que o **bridge** foi um esplendido pretexto para que ambos ainda mais se amassem.

Bill Boyd, então, tem êsse costume interessante de se apaixonar imensamente pelas suas heroinas. Isto é (não queremos intrigas comnosco!) com duas delas. Quando fez **O Barqueiro do Volga**, apaixonou-se por Elinor Fair e disse-lhe, durante os idilios, que a amava mais do que á sua propria vida. O resultado foi um casamento que, afinal de contas, redundou num tremendo fracasso, para ambos. Agora repetiu êle a façanha do casamento com Dorothy Sebastian. Repetirá, com ela, a do divorcio, tambem?...

William Powell, que sempre aparentou ser indiferente ás mulheres e mesmo cinico, em relação a elas, apaixonou-se por Carole Lombard e deixou mesmo de ser o companheiro de todos os dias de Ronald Colman e Richard Barthelmess, para seguir por todos os recantos de Hollywood e Los Angeles a loirinha figura da sua paixão. Mas... será êste seu novo casamento feliz como foi o primeiro?...

Harold Lloyd conheceu Mildred Davies nos films e por causa dêle tornou-a sua esposa. São, hoje em dia, o casal mais feliz de Hollywood, segundo opiniões insuspeitas e êle, mesmo, diz a todos que foi o melhor dia de sua vida, aquêle em que conheceu Mildred. Aliás, diga-se, Harold não é do **flirt** e nem da pandega. Êle é sério, correto e honesto comsigo mesmo.

A Féra do Mar, dirigido por Millard Webb, foi um espetaculo que pôs os labios de John Barrymore sobre os de Dolores Costello, pela primeira vez, em 1925. Os idilios do mesmo film foram longamente comentados e êles passaram a figurar em outros mais, sempre juntos e tornando aos beijos ardentes do primeiro **clinch**. O resultado foi um casamento que Maurice Costello, pai de Dolores, ensaiou destruir, mas que, levado a cabo, tem provado ser um dos mais felizes, porque ambos amam-se muito.

Helene Costello, irmã de Dolores, tambem conheceu Lowell Sherman num film e por êle assim se apaixonou. O primeiro beijo de Cinema trouxe o seguinte, longe da **camera**, e de amor. Ela sabia que Lowell havia sido um mau marido para Pauline Garon, mas tambem tinha a intima confiança de que êle fosse bom para ela. De fato, quando o casamento se celebrou, verificaram todos que o mutuo entendimento de ambos era o seguro pendor daquêle casamento assim garantido.

Disseram, por causa de idilios de films que Richard Dix amava Lois Wilson; Ronald Colman a Vilma Banky; Charles Farrell a Janet Gaynor; John Gilbert a Greta Garbo e alguns outros.

Richard Dix e Lois Wilson queriam-se muito, realmente, mas como amigos sinceros que até hoje são. Cupido jamais estragou esta pura amisade.

Charles Farrell e Janet Gaynor, cujos idilios em **Setimo Céu** provocaram comentarios mundiais, eram tidos como apaixonados, um pelo outro. Entretanto Janet casou-se com Lydell Peck e Charles Farrell com Virginia Valli... Quando declararam o que sentiam um pelo outro, ambos disseram "boa amisade, sim, mas não me casaria com ela (êle, quando foi Janet que falou!)"

Ronald Colman e Vilma Banky, pelos seus film, eram tidos como realmente apaixonados com ardencia, mutuamente.

— Sentimo-nos como um velho casal que já não tem poesia alguma entre si.

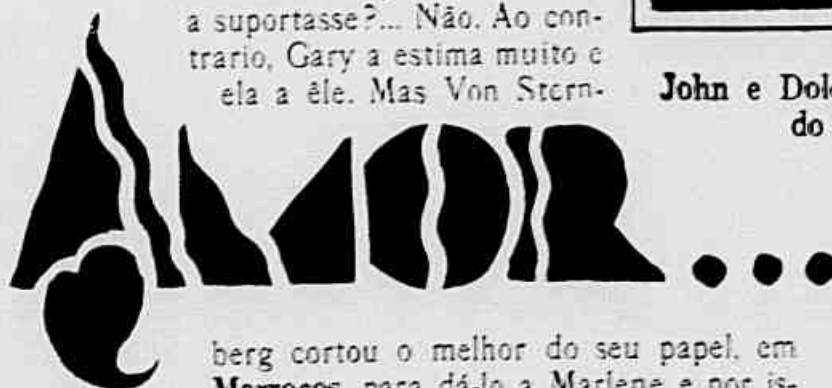
Dizia Vilma Banky, sempre que se referia ao assunto. Se as nossas cenas pe-

Charles Farrell e Janet Gaynor

diam beijos ou falavam em amor, já tinhamos tanta pratica, um com o outro, que faziamos quasi automaticamente aquilo que pedia a cena e sem a menor emoção, garanto. Tanto eu lhe poderia dizer "passa-me aí a batata e o arroz", como lhe dizia, na frase de amor, "amo-te, adoro-te, querido!". Amar, em films, para mim foi sempre negocio, jamais emoção.

Confirmou isso, casando-se com Rod La Rocque.

Mesmo juizo faz Ronald Colman.

Dizem que Gary Cooper recusou-se a aparecer em **Dishonored**, com Marlene Dietrich. Foi por que êle não a suportasse?... Não. Ao contrario, Gary a estima muito e ela a êle. Mas Von Sternberg cortou o melhor do seu papel, em **Marrocos**, para dá-lo a Marlene e por isso êle não quis sofrer o mesmo no seguinte film... As cenas de amor que ambos viveram em **Marrocos**, no entanto, não geraram entre êles sentimentos algum de paixão mutua. Mas quando fez **A Canção do Lobo**, com Lupe, aquêles idilios e aquêles beijos que viram, foi, sem duvida, a causa mais sentida, mais louca, que Gary Cooper e Lupe Velez já deram em vida. Já se queriam, já se amavam, profundamente, quando chegou o momento daquêles idilios.

Ha pouco tempo deram June Collyer como ultima paixão de Gary Cooper. Era mentira. Mas constou que Lupe Velez chegou a ter uma sincope, em casa, quando leu os "murmurios"...

O caso John Gilbert - Greta Garbo datou de **A Carne e o Diabo**. Os idilios que então viveram, foram mais do que reais, foram sinceros. Êle a queria, brutalmente e ela o amava com ardor. Nada mais fizeram do que esquecerem-se temporariamente da **camera** e apenas se lembrarem de que se tinham mutuamente nos braços, para se beijarem a vontade.

O mesmo não se deu com êle, Jack, quando figurou ao lado de Lillian Gish, em **La Bohême**. Permaneceram, um com o outro, mais frios do que os polos e mais separados do éles mesmos...

Talvez date do dia da chegada de Lily Damita a Hollywood a antipatia que por ela tomou Ronald Colman, ao qual vinha destinada, aliás e da parte dela, tambem, pelo seu futuro galã e celebre **astro**. Êles não se gostaram, ao primeiro relance. Pela publicidade, Samuel Goldwyn pediu a Ronald que fosse até á estação e, lá, esperasse saltar ela do trem e lhe oferecesse umas flores, acompanhando-a, em seguida, até ao hotel Roosevelt. Ronald estava em férias. Objetou êle que isso iria trazer transtornos para êle e seus amigos, cujos planos já estavam feitos, mas de nada valeu. Samuel Goldwyn insistiu delicadamente no assunto e, assim, Ronald, seu amigo, além de contratado, achou-se no dever de fazer o que êle lhe pedia. Foi á estação, assim, absolutamente constragido. Deixou-se fotografar ao lado da sua nova heroina e apareceu ofertando-lhe as flores. Depois disso, entretanto, considerou êle o negocio como terminado e voltou-se aos seus planos de férias repentinamente interrompidos pela chegada de Lily. Esta, então, teve que ser acompanhada, por Hollywood e pelas festas todas, sem o seu galã-astro como companheiro. Lily está acostumada a ter os homens aos seus pés, caídos de paixão por ela. Ronald, não "ligando", tornou-se execrando. E foi a guerra, sim, a guerra! o que depois se deu...

Clara Bow amou Gary Cooper, ha tempos, depois que juntos fizeram **Filhas do Divorcio**. Êle vive com Lupe Velez, entretanto e ela tem um outro namorado, Rex Bell...

Loretta Young apaixonou-se por Grant Withers durante uma cena de amor, num film. Resolveram casar-se, apesar da oposição materna. Foi um dêsses tremendos desastres, a união e, ao fim da mesma, isto é, seis meses depois, vinha um ruidoso divorcio.

Richard Arlen foi outro que começou a amar a mulher que hoje é sua esposa num film, **Azas**. Depois disso levou o caso a sério e casou-se. E' dos mais felizes, tambem.

Falaram de Duncan Renaldo, e Edwina Booth, em **Trader Horn**. Não duvidamos e nem acreditamos. Apenas achamos que casamento dali não sai.

E ainda muitos outros casos poderiamos citar. Mas o tempo é escasso e os principais e mais importantes aí estão. Até outros "casos de amor", sim?

* * *

O **Film Daily** faz a seguinte série de trocadilhos n torno de Sylvia Sidney que, como se sabe, figurou como principal figura de **City Streets**: "vai agora figurar em **Street Scene**, — diz — mas não figurará em **Back Street** e nem terá Julian **Street** como cenarista dos seus proximos argumentos"... A verdade, entretanto, é que ela foi uma das causadoras de ter a Paramount posto Clara Bow na **street**.

* * *

A peça de Augustus Thomas, **Arizona**, que a Columbia converteu em film, está sendo editada. Laura La Plante, John Wayne, June Clyde, Nena Quartaro, Forrest Stanley, Loretta Sayers e Susan Fleming têm os principais papeis. George B. Seitz dirigiu.

John e Dolores no "Lobo do Mar"

Agora já com o herdeiro...

A TELA EM REVISTA

Dorothy Mackaill e Joel Mc Crea em "Escrava do Passado".

Bancroft, redator da oitava página...

PÁGINA DE ESCANDALO — (Scandal Sheet) — Film da Paramount — Produção de 1931.

O melhor dos films falados até hoje feitos por George Bancroft. Nos tempos silenciosos êle teve muitas e formidaveis oportunidades, mas quando o film falado tornou-se padrão, uma serie bem mediocre não se fez esperar. *Página de Escandalo*, entretanto, é muito bom e tem vários pontos de valor para o tornarem tal. Aliás toda a produção americana já vái voltando ao silencio... O seu argumento é interessante, humano e não envereda pelo lado falso comum aos cenarios das produções de linha. A sua direção é original, inteligente e revela John Cromwell que até aqui nada de mais havia feito a não ser alguns films aceitaveis. O elenco é coeso e profundamente fotogénico e o cenário uma perfeição de sequencias uniformemente ligadas entre si e, todas elas, perfeitas. A fotografia de David Abel esplendida e em certos pontos primorosa.

George Bancroft como redator-chefe de um jornal habitualizado ao escandalo, está simplesmente estupendo. Representa na sua vigorosa e capaz maneira de sempre e convence plenamente dentro da personagem que vive. Kay Francis, sua esposa, mais linda do que nunca, mais fascinante do que em qualquer outro film e com oportunidades vastas para demonstrar a boa artista que realmente é. Clive Brook, como sempre, sobrio e correto. Um triangulo que agrada e que enche de pura verdade as sequencias em que figura.

Ha cenas de muito valor: o início, agitado e detalhado; o encontro entre Clive Brook e Kay Francis; a visita que Bancroft faz ao apartamento de Clive e o jogo das duas almas com assuntos diferentes a tratar e aparentemente um só... A confissão de Kay Francis e a sequencia de Bancroft na redação, escrevendo a noticia final. Todas elas vigorosas, profundamente tocadas pelo lado mais humano da vida e muito bem dirigidas. Fotograficamente ha apanhados curiosos e certas composições de três figuras, como na sequencia entre Clive, Kay e Bancroft, que revelam o sentimento artistico do diretor.

Gilbert Emery, Lucien Littlefield e Regis Toomey figuram. Êste último é reporter do *Bulletin* e o pouco que tem a fazer é bem feito. O final do film é curioso e original.

Cotação: — MUITO BOM.

TENTAÇÃO DO LUXO — (The Easiest Way) — Film da M.G.M. — Produção de 1931.

A Jack Conway, diretor, deve-se o valor total deste film. Êle transformou a velha peça de Eugene Walter, com o auxilio do bom cenario de Edith Ellis num film fotogenico, agitado, moderno e bem feito. Todo merito da produção é sua. Dizemos isto, porque o elenco é homogeneo e ninguem dêle se destaca. Constance Bennett, Adolphe Menjou, Robert Montgomery, Anita Page, Clark Gable, Marjorie Rambeau e J. Farrell Mac Donald nivelam-se nas sequencias em que figuram e, assim, apenas aparece, viva, a chama da direção que é bastante interessante e muito inteligente.

As situações são comuns e antigas, mas o aspeto geral é novo e o seu todo muito agradavel. O início é uma página de puro realismo posta deante dos olhos do público em uma arrancada de maquina muito bem feita.

Além dêle ha outras sequencias de valor e o cenário muito auxilia com o seu constante e moderno avançar e seus detalhes bem imaginados e bem frisados pela *camera*. O carater de Constance Bennett está bem frisado, outrosim os de Menjou e Montgomery. A sequencia entre os três, no apartamento de Menjou, quando saíam os dois jovens e Menjou chega, é notavel. O final tambem é bom e define fortemente o estudo fotografado da alma de Nick (Clark Gable), cunhado de Laura Murdock (Constance Bennett). Boa, ainda, a cena em que êsse mesmo cunhado a expulsa de casa, quando ela visitava a irmã. E, pequenas, ponham os olhos neste Clark Gable. Êle vai ser um dos seus favoritos.

Vejam, que o tempo será bem empregado. John Mescall fotografou de fórma comum. Marjorie Rambeau tem alguns momentos felizes, é preciso lembrar.

Cotação: — BOM.

ESCRAVA DO PASSADO — (Once a Sinner) — Film da Fox — Produção de 1931.

Um film absolutamente simples: colocações de maquina as mais vulgares; representação corriqueira; fotografia mais do que comum; direção primitiva e cenario usual. Resultado: um film regular feito com um material que daria, apesar de conhecido, um bom film se tivesse sido bem tratado.

Dorothy Mackaill, fotograficamente mal cuidada, parece muito mais velha e muito menos agradavel do que em outros trabalhos seus, *A outra esposa*, particularmente. Representa direitinho, não ha dúvida, mas tudo corre de forma demasiadamente rotineira para que um público, habituado a bons films, suporte. Joel Mc Crea não é máu tipo e ainda poderá agradar muito. Está um tanto deslocado nêste film, isto sim. John Holliday, C. Henry Gordon, Sally Blane, sempre linda, Clara Blandick e Ilka Chase aparecem, tambem.

A melhor cousa que o film tem, de Cinema, é o detalhe que mostra já estar Dorothy Mackaill casada com Joel Mc Crea. O tema é bonito. O seu cenário é que pouco vale e a sua direção é vulgar. Guthrie Mc Clintic nada de novo apresentou e guarda, do teatro, o vício de fotografar meio film em segundo plano.

George Middleton escreveu o argumento e cenarizou-o. Gerou bôa idéa e não a soube desenvolver.

Arthur L. Todd apresenta uma das fotografias mais corriqueiras que temos visto ultimamente. Os admiradores de Dorothy, talvez se desiludam com ela nêste film. Mas culpem mais á fotografia do que a ela mesma.

Cotação: — REGULAR.

:-: O Pathé Palace pela segunda vez exibe um *short* da Fox que já haviamos visto no Palacio Teatro.

O AMOROSO ERRANTE — (The Vagabond Lover) — Film da Radio — Produção de 1930.

Um film que tem bôa fotografia, artistas bons coadjuvando o cantor e saxofonista Rudy Valee e uma direção mais ou menos igual. No entanto... Fraquissimo é o enredo imaginado pelo cerebro outrora fertil de James Ashmore Creelman e apenas musical o film. Ha alguns *shots* muito bonitos e artisticos, como certos *close ups* de Sally Blane que enfeitam muito o film, mas a beleza de uma pequena e uma fotografia bôa não bastam...

Marie Dressler é a melhor cousa que tem o film. Ela o rouba inteirinho das mãos pouco experientes de Rudy e mesmo da beleza de Sally Blane. A sua rivalidade com Nella Walker provoca bôas risadas e se não fosse Marie nada se poderia citar como especial nêste film.

Danny O'Shea, muito fotogenico e Eddie Nugent, sempre o mesmo, interessam. Charles Sellon, Norman Peck, Malcolm Waite e Alan Roscoe, o penúltimo o verdadeiro Ted Grant, pelo qual passa Rudy e seus companheiros, completam o elenco.

A voz de Rudy é muito bonita e macia. *One Little Kiss Each Morning* é uma melodia que ficará cantando aos ouvidos dos que assistirem ao film, sem dúvida, e bem assim outros *foxs* que êles tocam. Mas os aparelhos do Parisiense deixam muito a desejar e estragam o valor musical do film e nos trechos falados, então, a voz vem fanhosa e desagradavel.

Marshall Neilan, cada vez mais decadente, dirigiu.

Cotação: — REGULAR.

FORASTEIROS NA AFRICA — (The Cohens and Kellys in Africa) — Universal — Produção de 1931.

Charles Murray, George Sidney, Vera Gordon e Kate Price, outra vez. Para fazer passar o tempo, para os apreciadores do genero. Algumas cenas e alguns letreiros que fazem rir.

Cotação: — REGULAR.

Sally Blane e Rudy Valee em "Amoroso errante".

Stan e Oliver, fiquem nas duas partes.

A L D A
R I O S

Foi a estrela do film mineiro, "A Tormenta". Aparece em "Mulher" e agora vai figurar em "O preço de um prazer"

O MEIO MAIS SIMPLES

Para os que se dedicam á filmagem de assuntos cinematograficos, principalmente aos de ordem mais propria para serem projetados no lar, entre os parentes, amigos e membros da familia, existe um meio de realizar aquela filmagem que, no nosso conceito, se nos afigura o mais simples e o mais prático, além de ser o menos trabalhoso. Examinemos esse meio.

Para compreendermos, porém, onde reside a sua praticabilidade, é necessario começarmos por uma pequena digressão. O film de pequena metragem, curto, não agrada tanto quanto o film de longa metragem, ou melhor dizendo, de projeção demorada.

O espectador, no Cinema de Amadores, assim como nos cinemas que exibem o film profissional, desejam qualquer coisa que subsista, que dure algum tempo mais, que demore. Eis porque, já nos tempos do cinema silencioso, a projeção era feita, nos Estados Unidos, ininterruptamente, e como essa mesma projeção passou a ser ininterrupta, desde o aparecimento do som e da palavra.

No cinema profissional ou para films de 35 milimetros, acontece, porém, que, para essa projeção, se lança mão de dois, quatro e ás vezes oito projetores. No de amadores, sejam os projetores para films de 9 milimetros e meio, ou para films de 16 milimetros, a projeção tem que ter um limite. Para o film 9,5 o limite é constituido por uma bobina de 100 metros. Para o film de 16, aquele limite chega até 400 pés, ou sejam 132 metros, contandose o pé a 33 centimetros. O tempo de projeção, ou por outra, a duração dessa projeção é a mesma visto que tanto um rôlo de 100 metros de film 9,5 como outro de 132 metros de film 16 irão dar uma projeção de 14 a 16 minutos na téla.

E' esse, portanto, o limite de duração para o Cinema de Amadores, a não ser que se lance mão de dois ou mais projetores, o que sempre sairía custoso para o amador, a não ser que este formasse uma sociedade, a qual entrasse com o capital necessario.

O film realizado pelo amador tem portanto que se cifrar a este limite. Referimonos ao film executado *pelos de casa* e *para os de casa*. E' preciso que os que lêem estas linhas não julguem que nos estamos referindo a associações ou clubs de amadores. Nesse caso, como o trabalho passaria a ser dividido entre os seus membros, um se encarregaria da filmagem, outro da revelação, outro ainda da cortagem, outro da edição, titulagem e assim por diante.

Quando, porém, o amador está só, isolado, e não tem, ao seu lado, amigos que lhe sirvam de assistentes, êle não póde ir além de uma bobina de 100 metros ou 400 pés, e — o que é peor — tem que abrir mão de revelação, de cortagem, podendo conservar para si mesmo, e no maximo, primeiro a titulagem do film e depois a edição em bobinas de capacidade que apontámos mais aí acima.

Vejamos agora o meio mais simples para o amador chegar a tais resultados. O amador nessas condições é quasi sempre um principiante. Se não o é, e já produz films titulados, cortados, revelados, editados por êle mesmo, sem o auxilio de mais alguem , queira receber daqui os nossos sinceros e mais calorosos parabens.

A camara Pathé só póde ser carregada com chassis de 10 metros de film virgem. A camara Kodak e suas congeneres só podem ser carregadas com chássis de 50 ou 100 pés. O amador poderá realizar uma cinemateca muito interessante, com possibilidades de exibição em bobinas de 100 metros ou 400 pés, do seguinte modo:

Êle carregará a sua camara com um chássis, conforme o tipo, até 10 metros de film 9,5 ou até 100 pés de film 16 milimetros. Isto feito, apanhará *uma sequencia de cenas*, não esquecendo o interesse que essa sequencia deva

Cinema de Amadores

(De Sergio Barreto Filho)

mostrar para os futuros espectadores. Suponhamos, por exemplo, a partida do DO-X, a chegada dos politicos argentinos a bordo do "Alcantara" ou por último a abertura da Feira de Amostras.

Essas sequencias de cenas serão reveladas, convenientemente, no laboratorio da casa que vendeu o film virgem. O amador, porém, poderá por si mesmo encarregar-se dêsse serviço, tratando cada sequencia por seu turno, e renovando sempre os banhos, com exceção do revelador. Isto feito, dará a cada sequencia *um unico titulo inicial*. Êsse titulo deverá ser redigido tal como são os chamados sub-titulos dos jornais cinematograficos. Suponhamos que o amador tenha em mãos 10 metros ou 100 pés de cenas apanhadas durante a inauguração da Feira de Amostras. Êle poderá redigir um titulo inicial para a sua sequencia de cenas tal como sugerimos:

OS CARIOCAS INAUGURAM A SUA FEIRA DE AMOSTRAS

Com a presença do Chefe do Governo Provisorio foi aberta ao publico na Explanada do morro do Castelo a anunciada Feira de Amostras que se preparava para o inverno dêste ano.

Fazendo-se o mesmo com sequencias de assuntos diferentes e diversos, ter-se-á, conforme apontámos já, uma cinemateca assás interessante, e sempre variada, em toda a extensão da palavra. Agora as possibilidades de uma projeção demorada.

O amador deverá primeiro encomendar um titulo *de apresentação*, o qual sirva para qualquer genero ou sentido em que êle editar os seus films reduzidos, ou melhor dizendo, as sequencias da cinemateca por êle organizada. Êsse titulo, por suposto, será redigido na seguinte fórma: (Solicitamos a devida licença se usamos aqui do nome de um amigo).

SATIRO BORBA

amador

oferece á apreciação dos amigos um numero do seu

ÁLBUM DE SEQUENCIAS CINEMATOGRAFICAS

Com um titulo de apresentação redigido segundo essa sugestão, e com um titulo indicando "Fim", o amador poderá encher um rôlo de 100 metros com films de 9,5 ou outro de 400 metros com films de 16. Bastará tomar aqueles dois titulos, o inicial e o final, colá-los no inicio da primeira sequencia e no final da última escolhida para a edição do Album, e o amador terá um verdadeiro Jornal Cinematografico, o qual não deixará de interessar a todos os seus parentes e amigos, principalmente se aquele amador tiver sabido escolher convenientemente as sequencias, variando os assuntos e alternando interiores com exteriores, variando panoramas com cenas em que tenham entrado *close-ups*, alternando mares com florestas, campos com cidades, e assim por diante.

Depois, aquelas sequencias poderão voltar para os seus rôlos de 10 metros ou 100 pés, e, dessa fórma, serem substituidas por outras sequencias pertencentes á mesma cinemateca, variando-se pois o assunto geral do Álbum, até o infinito, com a filmagem contínua e sempre nova de outras e mais outras sequencias.

O meio, portanto, como dissemos no inicio deste artigo, é o mais simples e o mais pratico para o amador que principía na sua arte. Se êle fizer como sugerimos, terá dentro do lar, para o lar, e com aqueles que o cercam no lar, uma projeção demorada, sempre nova, e de interesse indiscutivel. Além do mais, facílima de ser editada, e sem necessidade de titulagens ou córtes de qualquer especie.

CORRESPONDENCIA

Alberto Kacique (Rio — O que o amigo deseja é impossivel de ser obtido, a não ser que se dirigisse a um dos nossos cinematografistas, e encomendasse uma cópia, em film de 16 mm., de um dos films brasileiros de que tivesse sido aquêle cinematografista o produtor, e nessas condições estivesse portanto hoje de posse do respectivo negativo. Não lhe recomendariamos, no entanto, essa saida.

———o———

Dracula

(FIM)

fez-me varias perguntas sobre outros assuntos. Mostrou-se muito interessado em conhecer o nosso problema politico, imaginem!

Sobre politica, especialmente politica da America do Sul, Lugosi falou mais de uma hora. Disse-me os maiores disparates e eu os ouvi, pacientemente, a ver, solicito, se no fim da mesma ainda vinha qualquer coisa boa. Mas qual! Depois de falar todo o tempo sobre politica brasileira, argentina, uruguaia, chilena, etc., disse-me que aqui nunca estivera, mas que conhecia um rapaz que tinha um conhecido aí... Que tal?

A sua casa é cheia até não poder mais de moveis os mais exquisitos, diferentes e curiosos. Ha um retrato seu em tamanho natural. Uma enorme variedade de quadros representando nus diferentes e alguns outros de paisagens do Mexico.

A coisa mais curiosa que lá vi, foi a sua coleção de cachimbos. Uma verdadeira loucura!

A minha chegada, a sua casa, foi engraçadissima; recebeu-me sua esposa. Retirou-se, pedindo-me o nome e, minutos depois, em mangas de camisa, barbado e calçando chinelos, apareceu o Conde Dracula... Achei curiosissimo o caso...

Bela Lugosi gaba-se de ser um homem extremamente simples. E, realmente, não o podia ser mais. Serviram-me um café terrivel e, afinal de contas, bati a linda plumagem e vim para a maquina escrever estas coisas que se referem ao nosso homem e que não sei se todas as leitoras aprovam...

Mas, afinal, simpatisei com êle. É gentil, cavalheiro, bom homem. E fiquei gostando mais depois de um elogio rasgado que êle fez a *Cinearte*.

INSPIRAÇÃO

(F I M)

Mas o amor de Ivonne é grande demais para que ela aceite as ofertas apaixonadas de André. Ela resignou-se com sua ausencia. Ela bem sabe que será a ruina da sua vida, e de sua carreira. E' preciso que êle considere o seu futuro. E' preciso que êle siga sempre para a frente, e tambem de uma companheira em mesmo trajeto na vida. Ela, Ivonne... não tem futuro, mas sim um passado que lhe arruinou a vida... Ela ficará para trás, abandonada, escolho de quem amanhã todos se afastarão com desprezo... Mas assim é preciso.

E contemplando-o adormecido, abatido e cançado, carinhosa e maguadamente resignada, ela foi sincera mais uma vez em sua vida. Sem ruido, muito de leve, muito mansamente, na ponta dos pés, o coração completamente partido, Ivonne saiu do quarto modesto, saiu daquela vida onde ela tanto desejava ficar; e foi-se embora pela noite sombria, para sua existencia amarga...

(Descrição especial para CINEARTE)

Greta Garbo - mulher sem amor...

(F I M)

Uma analise fria, entretanto, demonstrará que Greta Garbo não amava John Gilbert. **Êle chegou a persuadi-la** e a ter a sua palavra de que fugiriam e viveriam juntos. Mas quando o gelo de sua reflexão caiu sobre o amor...

O romance de Greta Garbo e John Gilbert, nada mais foi do que uma página de paixão muito bem escrita. Mas não foi amor... Maior era o odio que votava Mauritz Stiller a John Gilbert do que o amor que sentia ela pelo seu galã. Foi aí que John procurou o seu **limão**, tambem, e levou o caso ao exagero do casamento que logo depois chocou-se nas pedras da desdita...

Ha, na vida dessa mulher, alguma cousa profunda, imensa, poderosissima que a torna assim infeliz. Na vespera de ligar de vez a sua vida á **de John**, quando alimentou as **esperanças** de Stiller, nessas fases vivas da sua existencia, sentiu, no momento de maior ardor, o frio glacial do raciocinio. Ela sabe que fará qualquer homem infeliz. O seu desejo de solidão é alguma cousa que acabará pondo maluco áquêle que partilhar para sempre de sua vida. E foi por isso que ela sempre se afastou dos homens que mais proximos estiveram da sua vida...

Greta Garbo jamais amou...

Jamais amou, porque sempre **teve** medo do amor e quando sentiu que êle se aproximava, afastou-se, timida, certa de que não teria capacidade para amar...

Um morreu, desgraçado...

Outro ainda vive, desgraçado tambem.

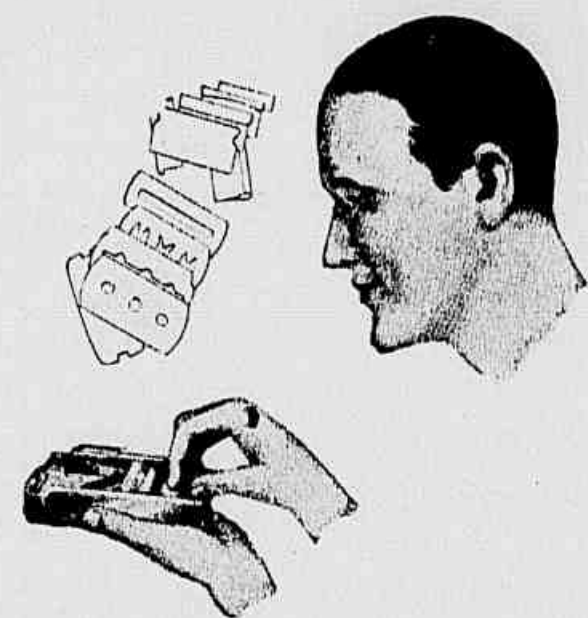
Mas ela, sem amor, não será ainda mais infeliz do que êles?...

Greta Garbo... mulher sem amor...

Porque Loretta Young não foi feliz...

(F I M)

rapaz mais interessante e mais agradavel que já havia conhecido. Era muito criança, muito sem experiencia para compreender que aquela atração fisica, mutua, que ambos sentiam, não podia ser verdadeiro amor... Pensei, naquêles dias do passado, que o que eu via de fascinante, nêle, fosse aquilo que dá um lar, amizade e companheirismo pela vida toda. Errei, confesso... Se tivesse maior experiencia e fosse mais velha, saberia que era curiosidade o que tinha por êle. Além disso êle era o primeiro homem que tocara o meu intimo, o meu coração e por isso foi que me deixei iludir. Hoje é que me lembro que eu sempre dizia que jamais havia de me casar com um **artista**. Casei-me... Verifiquei o quanto pensava certo, naquêles tempos...

— Minha mãe tentou explicar o meu erro. Pediu-me, ainda hontem,

que anulasse o meu casamento. Isso ela já vinha pedindo ha muito tempo e, quando se opôs tenazmente a que nos casassemos, tinha as mesmas exatas idéas que tem hoje. Eu pensei que soubesse o que estava fazendo. Pensei que soubesse mais do que minha propria mãe... Naquêle tempo eu queria casar e queria casar ainda que isto me custasse a propria vida...

Fixou-me, olhos nos olhos e me disse, depois, com toda sinceridade:

— Antes de continuar, meu amigo, quero que saiba que lhe estou apresentando apenas um dos lados da questão. Não duvido, absolutamente, entretanto, que exista outro... E' Grant o unico que lhe poderá contar esse outro lado da história. Procurei ser, para êle, o mais atenciosa possivel. Êle é bom, meigo e carinhoso e eu sei que o estimo bastante. Não o quero maguar e nada faria, mesmo, para maguá-lo. O que lhe estou contando, entretanto, é a história de dois erros: de um moço apaixonado e de uma menina sem juizo. Ambos se queriam, fantasticamente e foi por se fazerem surdos á razão, apenas dando ouvidos á carne, que erraram...

Não me lembro, sinceramente, de qualquer cousa em particular que houvesse acontecido entre nós. O que aconteceu, garanto, foi uma serie enorme de pequeninas cousinhas aparentemente sem importancia. Alguem, de fóra, acharia, mesmo, que eram cousas trivialissimas... Para mim, entretanto, significavam o mundo todo. Não me compreenda mal, peço-lhe: tanto errava êle quanto eu. Sómente dentro de um lar é que compreendi que ainda era muito cedo para arcar com a sua responsabilidade. Pos-

to que ainda tenha uma irmã mais moça do que eu, sempre me tomaram pela **caçula** da casa.

Em casa, com minha mãe e minhas irmãs, sempre era eu quem encetava as discussões. Se havia algum teatro em discussão para a nossa noitada geral, decidia-se tudo pela minha opinião. Se jantavamos fóra, escolhia eu o **restaurante**. Faziam o que eu quizesse e nenhuma discutia comigo. Quando me casei com Brant é que verifiquei, tarde demais, que êle tinha os mesmos defeitos e costumes que eu tinha: era cheio de vontades, caprichos e comodista... Tinhamo-nos sentado num barco matrimonial e nem sequer haviamos averiguado se êle era suficientemente solido para nos sustentar por longo periodo... A principio tentei disfarçar as minhas **descobertas** e procurei dominar o mais possivel o meu orgulho e o meu egoismo. O resultado foi que em pouco tempo eu fazia apenas o que **êle** queria... Depois de um ano matrimonial, quando mais felizes ainda se sentem os conjuges, tinha eu uma certeza cruel dentro de mim: como namorados eramos ideais; como marido e mulher, entretanto, e r a m o s detestaveis... Cruel certeza, sem dúvida...

Uma tarde, depois de trabalho intenso no studio, sentia-me cançada e nervosa. Foi aí que disse a Grant que deviamos fazer as cousas meio a meio. Isto é: êle e eu, doses iguais... Por exemplo: sentia-me cançada, aquela noite e não tinha vontade de sair, muito menos para dansar. Por que razão iria, cançada? Apenas porque êle não estava nervoso e nem cançado?... Isto deu início a uma discussão forte entre nós. Quando paramos de palavrear, sentou-se êle, violentamente, arrancou as roupas de passeio que já tinha posto e pôs-se a ler um livro a noite toda, sem me dar a mais simples atenção. Logicamente aborreci-me muito com o seu desprezo. "Não me devia ter casado! Não temos genios iguais!" Exclamei. No dia seguinte fizemos as pazes e êle me mandou flores. Chorei, quando êle voltou, ao encontro do seu peito e êle me beijou ternamente. Daí para diante voltamos a um periodo de paz...

Mas as pequeninas cousas continuavam a se amontoar dia a dia, fazendo, no total, **grandes cousas**. Acho que não sei contar como **é** o **caráter** de Grant. **Êle é estupendamente cava**lheiro e meigo. **Fazia, por mim** e **para mim, o quanto lhe era** possivel. **Não tendo** o menor senso de economia, enchia-me de presentes sempre que ganhava o seu ordenado. Não sabe guardar nada de si e gasta o q u e t e m. Mas um defeito êle tem: não sabe que precisa pagar contas... Mandava-me, ás vezes, um vidro de perfume carissimo. No encanto, sobre sua mesa estava **uma** conta de alfaiate atrazada e de importancia três vezes maior a do vidro de perfume... Jamais guardou dinheiro para as necessidades d a v i d a : apenas o guardou para luxo e gastos inuteis.

Confesso q u e fazia, dêle, melhor idéa... Depois, do dinheiro, eu sempre fiz outro juizo. Desde a infancia que os meus lutam para viver e, assim, muito valor eu dou ao que ganho e ao que devo. Era por isso que eu me tornava irreconciliavel com o genio desperdiçador de Grant e, sobre dinheiro, discutiamos profundamente. Disseram, alguns jornais, que as minhas afeições por êle diminuiram de vez depois de ter êle perdido o seu contrato. O contrato, para mim, pouca diferença fez. Se êle tivesse o senso de economia que eu tenho, tive e terei, não sofreria com isso dificuldade alguma. Mas êle é dêsses que gasta mais do que ganha. Procurei fazer com que êle sentisse e aceitasse o meu certo ponto de vista. Mas nada consegui, nada.

Estive ao seu lado, como esposa, cêrca de dois anos. Não garanto que tenha sentido esse tempo passar... Minha vida, além disso, sempre foi metodica: tudo nos seus eixos. Mas eu não sabia o que Grant iria fazer... Um dia êle jurava que não aceitaria **papeis** em companhias que saíssem para **locações**, porque isso significava separação para nós e isto embora eu lhe pedindo que aceitasse e que fosse. No dia seguinte preparava-se para uma caçada, com amigos, que iria durar de 4 a 6 semanas... Dizia-me, noutras feitas, que o que mais apreciava era jantarzinho a dois: êle e eu. Meia hora depois, telefonava a vários amigos e punha-os ao redor da nossa mesa... Procurei entendê-lo. Queria entendê-lo, mesmo, porque queria provar aos meus e ao resto do mundo que nosso casamento não havia sido impulsivo, como haviam dito e nem infeliz. Dia a dia, entretanto, comprehendia, profundamente, o quão impossivel era continuarmos vivendo juntos.

O desperdiçador que era Grant foi o principal motivo pelo qual apenas lhe disse que ia deixá-lo, depois de o ver contratado e de malas prontas para seguir com a **tournée** teatral que se ia realizar pelo interior. Talvez eu não lhe dissesse. Mas uma coragem forte me avassalou e eu disse. Eu sabia que êle carecia muito do dinheiro que ia ganhar com essa viagem. Era de dois mil dollares o salario semanal que ia percebendo. Nessa noite, q u a n d o já tinha tudo pronto para lhe dizer, pensei melhor e resolvi deixar que êle partisse, primeiro, para depois lhe dizer, por carta ou telefone o que havia resolvido.

(Conclue no proximo número)

Quatro dias em Burbank

(F I M)

Na sequencia em que figuramos. não entraram Julio de Moraes, Lia Torá e Olimpio Guilherme. Surgiu até, porém, um inglês gosado, um tal Jones que andou dando lições de inglês pelo Amazonas e que é um grande admirador do Brasil. E êle foi dos "portugueses" que falaram ao microfone... Mas para que falar bem português, alí? Tão falsos eram os **sets** em veracidade local quanto a lingua que Ms. Jones falava.

No fim de tudo discutimos qual era o brasileiro que melhor falava o português... O Orgolini, o primeiro dia em que se vestiu de toureiro... Que bola! Ficou todo cheio de dedos e já não sabia se tirava a **maquillage** ou se ia para o **set** ou se passava o pó ou não... O diretor, Dieterle, tambem, foi uma bôa bola. Êle chamava pelo Henry da Silva e lhe pedia que nos dissesse, em português, aquilo que êle queria que nós fizessemos e falava-lhe num inglês-alemão de primeira gargalhada! Por fim quem acabou falando português foi Mr. Jones, o inglês... Um goso! Como situação gosada, ainda, cito o Silvino Silva a "bancar" o carregador de estrada de ferro, compenetrado, depois de ter "vivido" notavelmente o papel de médico operador, minutos antes... O Leon de Leon ou Lei Reisler, melhor falando fez um reporter. Auxiliou-o, a pedido, um grego dos peores, um fulano a quem o Henry pediu o favor.

Paulo Portanova esqueceu-se do português que tinha que falar e em alguns momentos falou até em italiano... Todos, afinal, foram bem, esta é que é a verdade. Viva o pessoal luso-brasileiro do film **Spent Bullets**!...

O studio, se não entrar com a tesoura no negativo e no som, terão vocês, aí, muito o que gosar com o mesmo quando fôr exibido. Vale o preço da entrada, garanto...

✣ ✣ ✣

Por ter eu ficado quatro dias dentro do studio da First National, filmando e vendo filmar **Spent Bullets**, sem dúvida, não quer dizer que eu tenha conseguido alguma entrevista sensacional, não.

Esses **astros** de primeira magnitude e de longitude inatingivel, são uns pandegos. Aparecem no **set** apenas no segundo de entrarem em cena. Quando êles chegam discutem muito ligeiramente o dialogo e a cena com o diretor. Depois ensaiam rapidamente e em seguida, tome **camera**! Êles têm, todos, **doubles** para tudo, até para focalizarem a máquina. Esses **doubles** usam as mesmas roupas e prestam-se a tudo pelo principal interprete. Dão saltos, entram nas complicações todas do astro.

Um outro fator do insucesso foi o proprio Richard, um dos maiores inimigos de jornalistas que já tenho encontrado em minha vida. Se o jornalista é estrangeiro, então, aí mesmo é que Richard Barthelmess fecha-se radicalmente... Eu esperei, entretanto, esperei com paciencia de Job e com resignação cristã... Um dia segurei-o.

— Mr. Barthelmess. Eu sou...

— Já sei. Jornalista brasileiro querendo entrevista...

Se me não seguro, caía para trás, confesso... Essa recepção eu não esperava, com sinceridade. Além disso eu não tinha simpatias pelo Barthelmess e achava-o orgulhoso e cheio de pretenção. Quando êle me estendeu a mão, então, o tombo mental que levei ainda foi maior. Positivamente bestificado, confesso, foi o que fiquei.

— Toque! Do Brasil, meu amigo, CINEARTE é o unico **magazine** que conheço e, confesso, tem sido muito bondoso e indulgente para comigo. Sou-lhe grato por tudo isso.

(Depois de quatro anos de Hollywood, meus amigos leitores, ainda não aprendi totalmente, confesso, que muito do que se fala dos artistas é pura publicidade...)

Principalmente por isto é que eu fiquei apalermado. O que êle me dizia, pelo seu rosto, desfazia-se com essas suas palavras tão sinceras e tão simples assim ditas a mim sem que eu pedisse ou por elas esperasse. Nossa conversa poderia ter ido muito longe, confesso. Mas êle tem a obstinação de fugir do **set**, logo em seguida á filmagem e, assim, saindo deixou-me sem poder conversar mais com êle.

O que melhor tenho a fazer, portanto, é aproveitar pedaços da sua conversa e aqui transcrevê-la. A sua camaradagem é franca e despida de preconceitos. Êle é muito parecido com os amigos brasileiros que conhecemos, tão sincero, tão expansivo, tão delicado e amavel. Além disso conhecia **CINEARTE** e acompanhava a sua publicidade na revista, admirando-a, o que ainda era mais interessante, sem dúvida. Eu lhe agradeci muito as palavras á revista e mal tempo tive para formular qualquer pergunta. Falámos da sua proxima viagem a ser realizada. Êle, logo que conclua **Spent Bullets**, vai ao Oriente passar alguns meses. A viagem está sendo adiada e êle não me disse quais os motivos. Depois dêsse passeio, disse-me êle que fará outro pelo Pacifico todo, quando das suas proximas ferias. Toda a excursão será feita no seu proprio iate.

Em seguida, êle descerá pela America Central toda, parando em todos os portos e irá ter á Argentina. Subirá depois até o Rio de Janeiro onde pretende demorar-se alguns dias pois muito lhe têm falado do que se aprecia em natureza, aí. Subirá para Los Angeles, depois, pelo Canal do Panamá. Mas irá mesmo?

O grupo foi engrossado com a chegada de mais um brasileiro que por alí estava e que chegou justamente no momento em que Richard dizia saber que as calçadas da Avenida Rio Branco e da Avenida Beira Mar eram todas de mozaico. O brasileiro, ouvindo isto, deixou o queixo caír, naturalmente, porque a cousa mais esquisita aqui, é conhecer algum artista sequer o Brasil, quanto mais as calçadas da Avenida Rio Branco... E continuou êle, para Richard, a descrição de vários pontos formidaveis da nossa terra, pondo-o ainda mais interessado no passeio projetado. Ao grupo tambem se juntaram John Mack Brown, Helen Chandler, John Monk Saunders, autor do argumento e vários outros. A entrevista complicava-se: tomava curso geral... O Monk Saunders, alias marido de Fay Wray, disse-me que uma viagem ao Rio já é ha muito de suas cogitações, pois quer escrever uma história a respeito nosso.

Gabei, deante de todos, o fato dêle usar gente conhecida e de renome nos seus films, ao contrarios de muitos outros **astros**. Êle respondeu-me que o por que seus films lhe dão dinheiro e que quer que ainda mais dêm pela excelencia do elenco e mostrou-se, assim, ainda mais inteligente do que eu já o julgava pela rapida conversa que vinhamos tendo.

Logo recebeu êle um chamado do diretor para uma nova cena. Pediu-me licença e foi fazer a cena.

No terceiro dia eu consegui achegar-me a êle novamente; a nossa conversa foi muito rapida, na verdade, mas consegui que êle me dissesse que **Lirio Partido** ainda é seu film preferido. O outro é **Entre Luvas e Baionetas**. Não o vi mais, por que, nêsse dia, quem foi chamado fui eu e despedindo-me dêle apenas o tornei a ver no dia seguinte, ás duas da manhã, quando filmavam a cena do assassinato de Walter Byron, por Elliott Nugent, na feira livre que a montagem representava.

LUPE VELEZ
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON